

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira

**O Progresso na “Marcha para o Oeste”: Uma Análise Enunciativa na
Imprensa Mato-grossense**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Estudos da Linguagem

2007

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira

O PROGRESSO NA “MARCHA PARA O OESTE”: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA NA
IMPRENSA MATO-GROSSENSE

Dissertação apresentada à Banca de Defesa,
Programa de Mestrado em Lingüística no Instituto de
Estudos da Linguagem IEL/UNICAMP como requisito
parcial para obtenção do título de Mestra em
Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães (IEL/UNICAMP)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Estudos da Linguagem

2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

OL4p	Oliveira, Rosimar Regina Rodrigues de. O progresso na “marcha para o oeste”: uma análise enunciativa na imprensa mato-grossense / Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.
	Orientador : Eduardo Roberto Junqueira Guimarães. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
	1. Marcha para o Oeste. 2. Progresso. 3. Modernidade. 4. Enunciação. 5. Designação. I. Guimarães, Eduardo, 1948-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
	oe/iel

Título em inglês: The progress in the "march for the west": an enunciative analysis in the 'mato-grossense' press.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): March for the West; Progress; Modernity; Enunciation; Designation.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães (orientador), Profa. Dra. Ana Maria Di Renzo e Profa. Dra. Carolina Maria Rodríguez Zuccolillo.

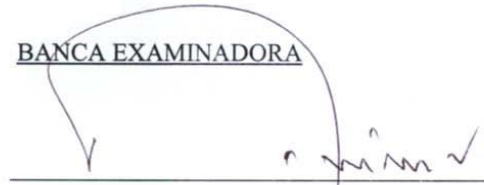
Data da defesa: 28/02/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

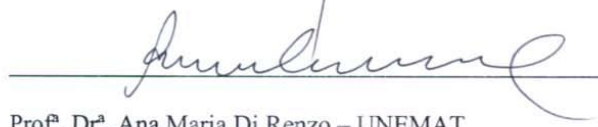
CANDIDATO: ROSIMAR REGINA RODRIGUES DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. EDUARDO ROBERTO JUNQUEIRA GUIMARÃES

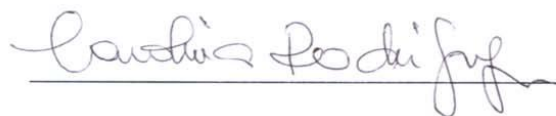
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães – UNICAMP – Orientador



Profª. Drª. Ana Maria Di Renzo – UNEMAT



Profª. Drª. Carolina Rodriguez Zuccolillo – UNICAMP

SUPLENTES:

Profª. Drª. Olímpia Maluf – UNEMAT

Profª. Drª. Cristiane Dias - UNICAMP

A GRANDE MARCHA¹

Ao Tenente-Coronel
AYRTON LOBO

No silêncio da noite sertaneja,
pontilhada de estrelas;
Nas manhãs cheias de luz,
Nas tardes, violeta e cereja,
Nos meios-dias corruscantes e ardentes;
Pelas trilhas requeimadas e quentes;
Por ínvios caminhos;
Nas estradas asfaltadas;
Nos carreiros de barro, batidos de tantas pisadas;
Nas aléas silvestres, cobertas de ninhos,
Na longa extensão das picadas quase virgens,
penetrando , como veias, o corpo da terra,
alcançando-lhe as origens;
Pelos rios,
arrostando correntezas e cachoeiras;
Pelas serras,
subindo escarpas infinitas;
dos altos cumes nas cimeiras;
Furando gróta e socavões;
eu vejo a longa fila penetrando os sertões...
São os homens de meu país!
Curvos
Cansados
Risonhos
Enérgicos
Destemidos
Sofredores
Cheios de sonhos
abrindo, em cada passada, rotas sem fim.
Como uma antífona, nas quebradas,
eu ouço o grande nome: -Brasil ! -
ecoando como se fôra mil...
Rostos de olhos claros,
do sul.
Rudes perfís de caboclos,
secados ao sol,
do Norte.
Fisionomias sorridentes e abertas,
do Centro,
caminham, unidos, pelo sertão a dentro.
É a marcha para Oeste...
É um exército, como bandeira desfraldada,
no tricolor das três grandes raças,
como um amplíssimo orfeão;
trazendo nos lábios,
da luta e do Progresso,
radiante, a intensa e maravilhosa canção!

PEDRO AVELINO²

¹ Poema publicado no jornal o Estado de Mato Grosso em 10/11/1941

² Poeta mato-grossense.

Àqueles que eu amo e que me amam, por toda
a paciência e dedicação, de modo especial:
a Deus, razão de tudo;
a Moacir, pai querido, que está com Deus, mas
olha por mim e me acompanha em todos os
momentos;
a Astrogilda, mãe e amiga, que mesmo nas
adversidades, me ama e é minha companheira
irrestritamente;
a Larissa e Letícia, filhas muito amadas, que me
compreenderam e me incentivaram mesmo
tendo que conviver com minha ausência;
a Edimar, meu amado, que me apóia,
compreende e acompanha mesmo nos
momentos mais difíceis, mais angustiosos;
a Itamar, irmão, companheiro, amigo...
a Rosane, minha irmã...

o amor e a compreensão de vocês é fundamental!

Meus Agradecimentos:

ao prof. Eduardo Guimarães que orientou e apontou os caminhos com enorme paciência e dedicação possibilitando uma maior e melhor compreensão do fascinante universo dos sentidos;

à amiga Edileusa Gimenes Moralis pelo apoio e pelas palavras amigas em todos os momentos;

ao amigo Marlon Leal Rodrigues pelo incentivo, pelas orientações e pelas discussões teóricas;

à amiga e profissional Ana Di Renzo pelo incentivo e por acreditar;

à professora Carolina Zucolillo pelos tantos ensinamentos teóricos;

à amiga Leila Bisinoto pelas sugestões;

aos funcionários do Arquivo Público de Mato Grosso e da Universidade Federal de Mato Grosso que colaboraram irrestritamente na realização da minha pesquisa;

aos professores e companheiros da Universidade do Estado de Mato Grosso, especialmente do *campus* de Alto Araguaia que acreditaram no meu trabalho;

a todas as pessoas que de um modo ou de outro participaram e colaboraram para a realização deste trabalho, todos são lembrados...

à CAPES, o apoio financeiro foi fundamental para a realização de todo o trabalho.

todos vocês foram muito importantes, cada um de uma maneira, muito obrigada...

ABSTRACT

This work is theoretically based on the Semantics of Enunciation, which considers language in its relation to history. We try to understand the meanings of the words 'progress' and 'modern' in their relation to the meaning of the 'March to the West' as found in journalistic texts of the XXth century press in the state of Mato Grosso (Brazil), more specifically in the newspaper 'O Estado de Mato Grosso', in 1939-1940. As stated by Mariani (1997; 2001), the press is understood as a place where meanings can be observed.

Through determination relations, the 'March to the West' is constantly linked to progress, a progress determined by largeness, wealth and light, while modernity is absent from the West. In the West, the March thus produces a meaning of both uncivilization and civilizing process.

We observed how the words: 'March to the West', 'progress' and 'modern' are used in the press in relation to other words. This was made through DSDs (Semantic Domains of Determination) of these expressions, constituted by the determination relations produced by the enunciative event. We present their meaning based on the notion of *designation* proposed by Guimarães (1995; 2002).

Descriptions were made using rewriting and articulation procedures that helped us understand to what extent the abovementioned words determine and are determined by the meaning of the others.

Key-words: 'March to the West', progress, modern, enunciation, designation.

RESUMO

Desenvolvemos este trabalho tendo por fundamento a Semântica da Enunciação, que considera a linguagem na sua relação com a história. Compreendemos os sentidos das palavras progresso e moderno na relação com os sentidos da “Marcha para o Oeste” em textos jornalísticos da imprensa mato-grossense do século XX. Mais precisamente em publicações do jornal “O Estado de Mato Grosso” dos anos de 1939 e 1940. A imprensa foi compreendida de acordo com Mariani (1997; 2001) como um lugar de observação dos sentidos.

A “marcha para o Oeste”, pelas relações de determinação, é constantemente relacionada ao progresso e esse progresso é determinado por grandeza, riqueza e luz, havendo no Oeste uma ausência do moderno. A marcha produz para o Oeste um sentido de não civilizado e de um processo civilizatório.

Observamos como as palavras “marcha para o Oeste”, progresso e moderno se comportaram nos textos da imprensa, na relação com outras palavras. Isto foi feito pelos DSDs – Domínios Semânticos de Determinação – destas expressões, constituídos pelas relações de determinação produzidas pelo acontecimento enunciativo. Apresentamos seus sentidos a partir da noção de *designação* proposta por Guimarães (1995; 2002).

As descrições foram feitas, por meio dos procedimentos de reescrituração e articulação a partir dos quais pudemos compreender em que medida as palavras acima citadas se determinam e são determinadas por outras produzindo sentidos.

Palavras-chave: marcha para o Oeste, progresso, moderno/modernidade, imprensa, enunciado/enunciação, designação.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 – O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO DA MARCHA PARA O OESTE

1.1 A “Marcha para o Oeste”	21
1.2 A imprensa escrita: Brasil e Mato Grosso	28
1.3 Os discursos jornalísticos e a Marcha para o Oeste	33

CAPÍTULO 2 –A PALAVRA E OS SENTIDOS

2.1 A Palavra: um objeto ideológico por natureza	37
2.2 A imprensa: um lugar de produção de sentidos	39

CAPÍTULO 3 – A MODERNIDADE

3.1 Alguns teóricos e a modernidade	42
3.2 Constituição e evolução	46
3.3 O Brasil e a modernidade	50

CAPÍTULO 4 – O DISPOSITIVO DE ANÁLISE

4.1 Os sentidos se fazem presente	52
4.2 Os sentidos e os nomes	55

CAPÍTULO 5 – OS SENTIDOS DOS NOMES “MARCHA PARA O OESTE” E PROGRESSO

5.1 Os primeiros recortes	59
5.2 As análises	62
5.2.1 – Texto 1: publicado em 27/08/1939	
“OESTE BRASILEIRO”	62
5.2.1.1 O funcionamento semântico-enunciativo	65
5.2.2 - Texto 2: publicado em 03/01/1940	

"1940"	70
5.2.2.1 – O funcionamento semântico-enunciativo	71
5.2.3 - Texto 3: publicado em 07/07/1940	
"A MARCHA PARA O OESTE"	79
5.2.3.1 – O funcionamento semântico-enunciativo	80
5.2.4 – Texto 4: publicado em 01/12/1940	
"Como tornar pratica a marcha para o Oeste"	88
5.2.4.1 O funcionamento semântico-enunciativo	90
Considerações Finais	102
Referência Bibliográfica	106
ANEXOS	110

INTRODUÇÃO

As décadas de 1930 e 1940 representaram um período de grandes conflitos para o Brasil. Ao longo desse período ocorreram inúmeras transformações no país e no mundo. Após a entrada de Getúlio Vargas na presidência foi fechado o congresso e determinado o Estado Novo; foi criada uma nova constituição; aprovaram-se leis trabalhistas. Conforme Tauile (2001; 175) “a luta explícita pela industrialização teve um de seus primeiros pontos altos nas iniciativas de se instalar uma siderúrgica no Brasil. Nada mais natural, para um país que quer se industrializar e modernizar”. Processo que provocou conflitos e contradições na relação com o governo de Vargas.

Muito embora tais fatos ocorressem sob um regime ditatorial proposto a partir do Estado Novo, se falava em modernização e existiam propostas de se promover o desenvolvimento e o progresso para o país que enfrentava um momento de crise econômica, principalmente com a decadência do café, produto de grande exportação pelo Brasil e que gerava grande arrecadação.

Uma dessas propostas governamentais era a da chamada "marcha para o Oeste" que visava a investida da população das outras regiões do Brasil para o Centro-Oeste, cuja finalidade era ampliar os núcleos habitacionais já existentes nessa região aproveitando melhor os recursos praticamente inexplorados dentro das próprias fronteiras políticas.

A "marcha para o oeste", interessa-nos enquanto materialidade histórica (Guimarães, 2002) presente no funcionamento da língua na qual se enuncia. Analisaremos os sentidos de palavras que se refiram, no acontecimento do dizer, ao progresso, à modernidade e que ocorram em textos que tratem da “marcha para o

Oeste”. Esta análise será feita em textos da história apresentados pela imprensa mato-grossense, mais especificamente, pelo jornal “O Estado de Mato Grosso” (1939 -1940).

As palavras significam nos discursos (Orlandi, 2000) que são produzidos e representam momentos históricos de uma sociedade. Portanto, falar em modernidade em Mato Grosso só é possível se no momento histórico referido o “moderno” produzir sentido.

Os sentidos de “marcha para o Oeste”, progresso/modernidade serão analisados a partir da noção de *designação* proposta por Guimarães (1995; 2002). Isso só é possível, por encontrarmos nos textos dos jornais do Estado de Mato Grosso no período denominado “marcha para Oeste” palavras que se referiam ao “progresso, à modernidade”.

É preciso pensar as palavras nas relações destas com outras, o que será observado pelo DSD - Domínio Semântico de Determinação - que é constituído pelas relações de determinação constituídas pelo acontecimento enunciativo. As descrições serão feitas por meio dos procedimentos de reescrituração e articulação tal como apresentados pela semântica da enunciação.

Dessa forma observaremos como a imprensa lidava com essas palavras e quais sentidos eram mobilizados, considerando que, como afirma Guimarães (2002; 7) “saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado” e ainda, que essa forma funciona num texto e é parte constitutiva de seu sentido.

Para o estabelecimento da designação de “marcha para o Oeste” observaremos o funcionamento de outras palavras que se relacionam com a marcha. Analisar, por exemplo, as palavras moderno, progresso, desenvolvimento permitirá compreender os

sentidos que elas apresentavam na relação com os sentidos da “marcha para o Oeste”. Desse modo é possível compreender que sentidos “marcha para o Oeste” produz nos discursos jornalísticos do Estado de Mato Grosso, dos anos 39 e 40 do século XX.

Nossa pesquisa se deu, então, na imprensa escrita do século XX que, sobretudo nos forneceu os discursos que constituirão nosso *corpus*. Compreendemos esses discursos a partir de Mariani (2001; 33) que os concebe, enquanto prática social que “funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e idéias da atualidade”. Ainda segundo a autora, o discurso jornalístico é parte constitutiva do processo histórico em que são selecionados os acontecimentos a serem lembrados futuramente, não se trata de um simples jogo de palavras, uma vez que:

o discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro. E mais ainda: uma vez que ao selecionar está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos, a imprensa acaba por constituir no discurso um modo (possível) de recordação do passado (2001; 33).

Os textos da imprensa são considerados enquanto acontecimento³ de linguagem, lugar em que se dá a enunciação.

³ Esse conceito será explorado mais adiante no capítulo que trata do dispositivo teórico.

Nosso trabalho é desenvolvido na Semântica da Enunciação⁴ que considera a linguagem na sua relação com a história, e que a significação é histórica. Compreendemos essa história não como cronologia, mas enquanto historicidade, em que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência, e os sentidos das palavras produzidos na relação dessas palavras entre si e com outras.

Para tanto consideramos os textos da imprensa mato-grossense, que foram produzidos no momento acima referido, especialmente aqueles que versam a respeito do progresso, da modernidade. Essa produção se destinava, em especial, a um pequeno grupo de intelectuais e a uma parcela da sociedade que possuía algum poder aquisitivo, pois a grande maioria da população naquele período era analfabeta.

Para melhor delimitar nossa pesquisa apresentaremos algumas questões históricas em relação à “colonização” do Brasil e conseqüentemente do Estado de Mato Grosso.

Interessa-nos nesses discursos os enunciados que se referem à modernidade tal como entendida por Le Goff (2003), uma vez que a “marcha” foi tomada como um fator de modernização não só para o Estado de Mato Grosso como também para outros Estados que se situam mais no interior do Brasil.

Os textos que constituem nosso *corpus* de análise são os que constam da página 2 do Jornal O Estado de Mato Grosso, seção dedicada, entre outras questões, às referentes a Mato Grosso e à “marcha para o Oeste”. Somente o primeiro texto que constitui nosso *corpus* tem início na primeira página do jornal, porém tem continuidade

⁴ A respeito da semântica da enunciação ver Guimarães: 1995, 2000a, 2000b, 2002a, 2002b, e outras publicações de Guimarães.

na segunda página. É importante considerar que essas matérias são assinadas, cada uma por um jornalista diferente.

Ao assinar seu texto, cada jornalista se insere na “ordem do discurso”, não de um discurso qualquer, mas de um discurso que poderá proliferar. Especialmente ao comentar a respeito de discursos que possam proliferar com facilidade – como o da imprensa – conforme Foucault (1996; 8), esse tipo de produção discursiva, em toda sociedade representa “perigo” e:

é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault; 1996: 8)

Embora os textos que compõem nosso *corpus* tenham sido produzidos num momento em que o país estava sob um regime de governo ditatorial e que a imprensa era controlada pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que tinha como função controlar todas as manifestações culturais do Brasil, principalmente dos meios de comunicação, o discurso da “marcha para o Oeste” e do progresso era uma prática do Estado e, portanto, não corria risco de interdição (Foucault, 1996), ou seja, tinha livre circulação na imprensa.

Observamos como o progresso se configura nos enunciados (Guimarães, 2002) acima referidos. Especificamente, isto foi feito pela análise dos sentidos nos discursos

jornalísticos daquele período, de palavras como desenvolvimento, progresso, moderno e seus derivados; como a imprensa lidava com elas e quais sentidos eram mobilizados.

O fato de esta pesquisa ser desenvolvida no campo da lingüística é relevante, pois pretendemos apresentar uma outra leitura em relação ao sentido historiográfico da “Marcha para o Oeste”, e neste mesmo contexto, de palavras relacionadas ao progresso, à modernidade. Dadas as questões anteriormente apresentadas em relação ao trabalho proposto, as análises foram desenvolvidas a partir de conceitos como enunciação, sujeito e história utilizados pela Semântica da Enunciação, que toma o enunciado como lugar de observação do sentido (Guimarães, 2002) e estabelece relações com a análise do discurso proposta no Brasil por Orlandi, principalmente no que se refere às teorias do sujeito.

A análise do *corpus* foi feita pela observação do funcionamento enunciativo das palavras, anteriormente referidas, procurando caracterizar os discursos produzidos pela imprensa mato-grossense. Consideramos as palavras que se encontram num mesmo domínio semântico de determinação, o que nos permitiu apresentar um conjunto de interpretações.

Buscamos como, nos enunciados, a “marcha para o Oeste”, o progresso e a modernidade são referidos, com que regularidade isso ocorre e como os termos se relacionam com outros nos enunciados analisados. Dessa forma, o sentido das palavras anteriormente citadas, nos remeteu à questão do progresso, da modernidade uma vez que elas foram encontradas convivendo num mesmo espaço semântico e possivelmente como reescrituras umas das outras.

Para melhor situar o leitor será apresentada a forma como se encontram dispostos e organizados cada um dos capítulos deste trabalho de modo que facilite a compreensão de nossas análises.

No capítulo I é apresentado o movimento caracterizado como a "marcha para o Oeste" que se deu no Brasil no século XX, mais precisamente entre as décadas de 30 e 40 e as condições sócio-históricas em que se encontrava o Estado de Mato Grosso e a imprensa mato-grossense nesse período. Apresentando também estudos que se referem à "colonização" do Estado de Mato Grosso e à criação e desenvolvimento da imprensa brasileira.

No capítulo II se dá a apresentação das teorias a partir das quais foi compreendida a constituição dos sentidos das palavras. Sentidos que se apresentam pelas relações estabelecidas com outras palavras e a partir das formações ideológicas em que se inscrevem. São tratadas ainda teorias relacionadas à imprensa e ao discurso jornalístico como lugar de produção de sentidos. Essas e outras questões são de grande importância para o desenvolvimento das nossas análises especialmente pelo fato de desenvolvermos nossas pesquisas na "instituição jornal".

O capítulo III apresenta algumas teorias em relação à constituição e conceituação de modernidade e sua relação com o conceito de progresso, assim como algumas posições divergentes entre elas, a partir das quais é possível afirmar que há uma infinidade de versões em relação a um mesmo conceito. É apresentada também uma história do sentido de modernidade, conforme Le Goff (2003) e ainda algumas considerações em relação à modernidade no Brasil conforme Tauile (2001).

No capítulo IV, é apresentado o "dispositivo de análise", questões teóricas fundamentadas na Semântica da Enunciação desenvolvida por Guimarães e que

nortearam as análises. Nesse capítulo apresentamos brevemente alguns autores anteriores a Guimarães que contribuíram para o desenvolvimento da Semântica da Enunciação e a relação desta com a Análise do Discurso conforme apresentada no Brasil por Orlandi.

O capítulo V mostra os títulos de cada texto e a data de publicação dos mesmos; a descrição do *corpus* que se constitui de textos do jornal "O Estado de Mato Grosso"; alguns recortes para análises: fragmentos de textos que compõem o *corpus*; as análises do sentido da "marcha para o Oeste" levando em consideração sua relação com palavras como moderno, progresso e desenvolvimento, a partir do funcionamento semântico-enunciativo observado em cada texto que compõe nosso corpus. Nesse capítulo, ainda é estabelecido o DSD que nos permitiu apresentar conjuntos de interpretações que nos levaram aos possíveis sentidos dessas palavras.

CAPÍTULO I

1 – O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO DA MARCHA PARA O OESTE

1.1 A “Marcha para o Oeste”

A denominada “Marcha para o Oeste” que nos dedicamos a pesquisar está caracterizada como um movimento de grupos humanos, especialmente que se situavam no litoral, em direção ao oeste, sertão brasileiro. Nossa pesquisa tem como referência as décadas de 30 e 40 do século XX.

O discurso da “marcha para oeste” traz em seu funcionamento a “rememoração”⁵ de um outro momento no qual temos o discurso da “marcha para Oeste” norte-americana. Marcha que ocorreu na segunda metade do século XIX e que apresentava por finalidade ampliar as fronteiras dos Estados Unidos.

Nesse contexto, os norte-americanos e, principalmente, muitos imigrantes que se dirigiram aos Estados Unidos da América investiam para o oeste do país conquistando as terras e, num conflito de civilizações, levaram vantagem em relação aos indígenas, povos que já habitavam essas terras, e que conseqüentemente foram aos poucos sendo dizimados.

O discurso da “marcha para o oeste” brasileira⁶ traz em si uma memória discursiva (Pêcheux, 1995) que reatualiza discursos já observados em outros momentos como na “marcha para o oeste” norte-americana. Ao falar da *marcha para o oeste* no século XX no Brasil, todo dizer significa, produz sentidos a partir dos sentidos produzidos no século XIX, nos Estados Unidos da América.

⁵ Guimarães (2002). Esse conceito será explorado mais adiante

⁶ Usamos esse termo para diferenciar da marcha para o oeste norte-americana.

Há entre alguns escritores que tratam da "marcha para o Oeste" brasileira, como veremos a seguir, os que a consideram como todo movimento de grupos humanos em direção ao Oeste brasileiro, desde a chegada dos europeus ao Brasil e, os que a consideram como o movimento de colonização ocorrido no século XX, mais especificamente dos anos 40.

Entre escritores que escreveram a respeito da "marcha para o oeste", se referindo a esse período que ocorreu no Brasil nas décadas de 30 e 40, temos a publicação dos irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas intitulada *A marcha para o Oeste*. Trata-se de um diário que descreve os caminhos e as dificuldades encontradas na "investida para o Oeste" pela expedição Roncador-Xingú criada pelo governo Getúlio Vargas para investir para o sertão do extremo oeste do Brasil. Esse livro foi publicado em 1994.

Uma outra publicação considerada por nós a respeito da *marcha para o oeste*, ocorreu em 1940, foi a de Cassiano Ricardo intitulada *Marcha Para Oeste (A influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil)*. Essa obra é composta por dois volumes nos quais a *marcha para oeste* é considerada como a investida do homem-branco para o sertão brasileiro. Ricardo considera que a *marcha para o Oeste* tem início desde a investida dos bandeirantes para o sertão no Brasil Colonial, no século XVII.

Vale lembrar que antes mesmo da investida dos bandeirantes houve a vinda dos europeus para o Brasil que, assim como a investida para o oeste brasileiro, num panorama mundial se dirigiram ao oeste/ocidente em direção à América. Pode-se dizer que "a marcha para Oeste", nesse sentido, foi um movimento que teve origem com a vinda dos europeus à América e consequentemente para o Brasil.

Ao chegarem ao Brasil, os europeus se situaram no litoral do país e sua cultura, seus costumes foram sendo disseminados. Ocorreu nesse momento um confronto entre o considerado "civilizado/europeu" e o "selvagem/indígena" (civilização X sertão) no qual a cultura do "civilizado" foi sobreposta à do "primitivo".

Nesse período a América do Sul era dividida em duas partes, uma pertencente a Portugal, outra à Espanha. O Brasil, tal como é hoje, era dividido entre os portugueses e os espanhóis. Essa divisão era regida pelo Tratado de Tordesilhas, documento assinado no ano de 1494 entre portugueses e espanhóis. Conforme esse Tratado, uma parte do litoral brasileiro cabia a Portugal e a parte mais interna do território à Espanha. A parte pertencente à Espanha permaneceu por muito tempo não colonizada enquanto que a de Portugal crescia e avançava para o sertão em direção ao lado que corresponderia aos espanhóis.

Os colonizadores que habitavam o litoral aos poucos foram investindo para o sertão do Brasil, quer seja em busca de metais ou pedras preciosas, quer seja em busca do "selvagem" indígena que serviria como escravo nas lavouras. Para estas empreitadas, os homens se uniam em grupos e formavam as chamadas "bandeiras"⁷. Como afirma Ricardo (1970: 14):

“o conhecimento do Oeste não passava de uma simples hipótese. Iniciam-se as viagens para o interior; são viagens arriscadíssimas, feitas por grupos ágeis e

⁷ Grupos de homens que no período colonial investiam para o sertão à procura de ouro e metais preciosos ou de indígenas para o trabalho nas lavouras e que colaboraram na definição das fronteiras do Brasil moderno.

ambiciosos. Cada qual iniciando a seu modo a grande marcha”.

Segundo Cassiano Ricardo (1970), os bandeirantes foram os primeiros responsáveis pela colonização do Oeste - “início da marcha para o Oeste” (p.16), que se realiza de muitas formas, entre elas, pelas entradas, as migrações, a expansão agropastoril, a catequese e, principalmente pelas “bandeiras”. Segundo o autor (1970: 34) essas formas de colonização apresentavam, normalmente, um caráter social, “mais um sentido político e coletivo do que um sentido privado e particularista”.

Era o colonizador que a cada dia se embrenhava mais oeste adentro difundindo sua cultura, sua civilização ao sertão “bruto” e “primitivo”, até então, habitado somente pelos povos indígenas que aos poucos foram sendo catequizados ou dizimados.

Essas bandeiras desempenharam um importante papel na delimitação das fronteiras brasileiras, provocando inúmeras modificações tanto na geografia política quanto social brasileira. O avanço no sertão brasileiro e o encontro de novas terras, até então pertencentes à Espanha, despertava o interesse de outros povos.

Suas investidas proporcionaram o descobrimento de metais e pedras preciosas, e aumentaram o interesse do colonizador português pelas terras pertencentes ao reino espanhol. Ocorreu, então, um novo Tratado entre portugueses e espanhóis, o “Tratado de Madri” (1750), que estabelecia uma nova demarcação das terras e fixação das fronteiras brasileiras, segundo Ricardo (1970: 59), “origem do Brasil moderno”.

A “marcha para oeste” é, então, caracterizada pelo autor (1970) como, todo o movimento da população em direção ao oeste brasileiro, seja nas Bandeiras no período colonial, seja em outros momentos da colonização do país. Porém, ambos os

momentos ocorreram de forma distinta. No primeiro o homem ao rumar para o oeste o faz utilizando "técnicas rudimentares", pois não havia meio de comunicação e para o transporte usavam-se apenas animais, o que dificultava a entrada nas matas ainda fechadas.

Anos mais tarde, num outro momento de entrada para o oeste, isso se dá com a utilização de "técnicas mais avançadas" como a abertura de estradas, a utilização de veículos para o transporte, a existência do telégrafo, a correspondência por cartas, embora demorada, atendia a algumas necessidades.

O homem brasileiro continua no século XX a investir para o sertão empregando novas tecnologias para o desbravamento. Ocorrem novas bandeiras, agora num outro ambiente cultural, cujo objetivo é tomar posse efetiva das terras encontradas. Surge uma nova forma de bandeiras:

“surgem os bandeirantes da técnica. O rádio e o automóvel acompanham o desbravador de agora, na sua moderníssima arrancada. A civilização passa a ser a invasora em lugar dos bárbaros” (Ricardo, 1970: 336).

A partir do período republicano dá-se mais ênfase à necessidade de ocupação do interior do Brasil dando início a uma nova fase da “marcha para oeste”. Surge o bandeirante moderno que leva a linha telegráfica para dentro do país e abre estradas

de rodagem que facilitam a conquista do oeste. Marechal Rondon⁸, no início do século XX, explorou o sertão “preservando” o indígena e empregando técnicas modernas para a conquista (Ricardo, 1970).

É no século XX que conforme Ricardo (1970) ocorrerá a maior parte do "fenômeno bandeirante" em Mato Grosso, até então:

as zonas ‘pouco habitadas’, ou virgens de povoamento, aí continuam a existir, tais como as descobriam os sertanistas do planalto... A paisagem social e humana se reproduz em plano cultural, mas é a mesma do século XVIII. Ricardo (1970; 353)

Nesse período o Estado de Mato Grosso recebia grandes incentivos por parte do Presidente Getúlio Vargas que desde o início de seu governo, em 1930, enfatizava a necessidade de desenvolvimento para o país e propunha esse desenvolvimento com a investida para o Sertão.

É proposta, então, uma nova fase da “Marcha para o Oeste”, como um movimento da nação à procura do alargamento do território nacional e do aumento da produtividade, com a idéia de conquista do espaço físico que irá gerar maior riqueza para o país. Pois conforme Lenharo (1986; 57):

⁸Cândido Mariano da Silva Rondon, militar e sertanista brasileiro.

o espaço físico unificado constitui o lastro empírico sobre o qual os outros elementos constitutivos da Nação se apóiam: a unidade étnico-cultural, a unidade econômica, política, o sentimento comum de ser brasileiro

A “marcha para o Oeste” foi uma ação governamental na tentativa de ocupar e explorar as áreas menos povoadas, distribuindo melhor a população brasileira que se concentrava principalmente no litoral do país. Dessa forma as terras até então “improdutivas” seriam mais bem aproveitadas, havendo uma maior distribuição da população e reduzindo a concentração em determinadas regiões.

A concretização dessa “marcha” se deu, conforme um relatório do Departamento de Agricultura intitulado “Concretização da ‘marcha para o Oeste’ com o aproveitamento da terra de Mato Grosso”, em 1939. Em 1940 foi organizada a “Expedição Roncador - Xingu” que contaria com homens como os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas e alguns outros, que a partir do contato com os povos indígenas teriam a entrada facilitada nas terras do sertão com a missão de criar núcleos populacionais para servirem de apoio à penetração daqueles que se interessassem em ir para o Centro-Oeste.

A “marcha” foi um movimento estabelecido por interferência política e teve grande destaque na imprensa brasileira de modo geral. Por essa razão interessa-nos os textos jornalísticos produzidos no momento inicial da “marcha para o Oeste”, os anos 1939 e 1940, pois tratar dessa marcha é retomar discursos de um momento marcante para a história do Brasil.

1.2 A imprensa escrita: Brasil e Mato Grosso

O aparecimento do Brasil na história e o nascimento da imprensa são fatos ocorridos na mesma época, enquanto a arte de multiplicar os textos servia à ascensão burguesa, segundo Sodré (1966: 11) “a nova terra (...) iniciava a sua existência com o escravismo”. Foi o mesmo impulso que facilitou aos portugueses ocupar o Brasil e expandir a arte gráfica em Portugal. Porém, em 1624 para que fossem impressos livros em Portugal dependia-se das autoridades civis do Estado.

Durante o período Colonial, o Brasil não conheceu nem a Universidade nem a imprensa, pois conforme Sodré (idem p. 13), as comunidades encontradas aqui eram primitivas, se encontravam “na idade da pedra lascada”. Era necessário primeiramente destruir nelas a cultura de seus pais, substituir a cultura encontrada. Os livros só podiam circular naturalmente nas mãos dos religiosos por serem necessários ao seu ofício; bibliotecas só existiam em mosteiros e colégios e possuíam somente materiais necessários à prática.

Somente no século XVIII começaram a existir bibliotecas particulares, porém a entrada de livros no país ocorria clandestinamente, os que eram encontrados eram confiscados e destruídos. Segundo Sodré (1966, 14) “ler não era apenas indesculpável impiedade, era mesmo prova de crimes inextinguíveis”.

A partir de 1808, quando a família Real veio para o Brasil, vieram com ela muitas pessoas, entre as quais artistas e escritores na tentativa de reproduzir uma visão lisboeta no Brasil, somente a partir de então se desenvolveu a arte gráfica no país. D. João VI assinou um decreto em 13 de maio, criando a primeira Imprensa oficial

brasileira no Rio de Janeiro com o objetivo de imprimir com exclusividade os atos normativos e administrativos do governo.

Em 10 de setembro do mesmo ano foi impresso o primeiro jornal do Brasil, chamado *Gazeta do Rio de Janeiro*, sendo este, conforme Jucá (1986), o primeiro órgão da imprensa brasileira. Até esse período, no Brasil era proibido qualquer tipo de publicação e a entrada de materiais publicados era controlada. Só podia entrar no país os materiais utilizados pelos jesuítas na catequese dos indígenas.

A capitania de Mato Grosso, que havia sido fundada em 09 de abril de 1719, girava em torno de dois povoados principais, Cuiabá e a capital Vila Bela. As principais atividades econômicas da região eram a agricultura e a pecuária. Os meios de comunicação e transporte eram precários, a comunicação era feita por escritos, como cartas, relatórios oficiais e relatos diversos.

A transmissão das mensagens ocorria em meio a precários caminhos por terra, interligados por via fluvial, demorando meses dependendo do destino das correspondências. Até mesmo atos oficiais, como por exemplo, a notícia da emancipação de Cuiabá, em setembro de 1818, só chegou às autoridades de Mato Grosso em 1819. Mato Grosso ainda não possuía uma imprensa e só viria a possuir quase duas décadas depois.

O Brasil era governado por D. João VI que acompanhava os acontecimentos referentes a Portugal⁹ e observou que a *Junta de Governo da revolução constitucional portuguesa* (...) assinou um *decreto estabelecendo a liberdade de imprensa, datado de 21 de setembro de 1820* (Morel e Barros: 2003, 23). No mês seguinte, pelas mesmas autoridades, foi liberada a circulação de impressos portugueses fora de Portugal.

⁹ Ocorria em Portugal a Revolução Constitucional

No ano seguinte, D. João VI tomou a mesma iniciativa em relação ao Brasil, assinou um decreto que suspendia, ainda que provisoriamente, a censura prévia para a imprensa. Porém, a liberdade alcançada no Brasil não seguiu uma linha progressiva, pois não houve o crescimento dessa liberdade. Conforme os autores (ibidem, p. 24):

houve, um crescimento da imprensa, sim, mas a questão do controle dessa atividade seguiria uma linha sinuosa, com recuos e expansões, em que os dilemas vividos pelos redatores de diversas correntes políticas cruzar-se-iam com as preocupações governamentais e com as constantes alterações dessa legislação pelos parlamentares.

Surgiu no Rio de Janeiro uma imprensa regular e ocorreu uma grande proliferação de outros tipos de impressos. No ano seguinte à assinatura do decreto que suspendia temporariamente a censura prévia para a imprensa, em vez de uma publicação periódica, passou-se para onze (*idem, ibidem*).

Na região Centro-Oeste, de acordo com Siqueira (2002), o primeiro jornal somente foi criado em 05/03/1830, e durou até 24/05/1834. Denominado *A Matutina Meyapontense*, era localizado no Arraial de Meyaponte, hoje, Pirenópolis/Goiás. Eram publicados nesse jornal especialmente os atos oficiais da administração dos Estados da Região Centro-Oeste, entre outros documentos que necessitavam de publicidade.

A autora diz que com a outorga da Constituição de 1824, as capitanias passaram a denominarem-se províncias. A partir de 1835, Cuiabá passou a ser a capital da Província de Mato Grosso. Com o crescimento da imprensa por todo o país, em março de 1837, o presidente da Província, Antônio José Pimenta Bueno, mostrou à Assembléia Legislativa Provincial a necessidade de implantar uma tipografia em Mato Grosso.

Segundo Siqueira (ibidem), esse fato ocorre em 1838, quando Mato Grosso conseguiu adquirir uma tipografia comprada com a contribuição financeira da população do Estado. Seu vínculo administrativo ficou com a Assembléia Provincial, destinava-se à publicação de atos oficiais. Passou a funcionar assegurando a circulação do primeiro jornal da imprensa mato-grossense, *Themis Matogrossense*, com a primeira publicação no dia 14 de agosto de 1839.

Em virtude de divergências políticas esse jornal teve curta duração, sendo encerrado em 1840. Com a substituição do Presidente da Província, a tipografia foi reorganizada e o jornal, com um novo nome, foi colocado em circulação, em julho de 1842. O nome desse jornal foi modificado por vezes, até que em 31 de agosto de 1848, no governo do Presidente João Crispiniano Soares, a *Tipographya Provincial* foi levada a leilão e vendida. Outros jornais passaram a circular, porém, impressos por oficinas gráficas particulares.

De acordo com Siqueira (2002), foi iniciada uma nova etapa de relacionamento da Província e da comunidade mato-grossense com o jornal. A tipografia oficial foi reestruturada em 1890, no governo de Antônio Maria Coelho, com o lançamento do jornal *A Gazeta Oficial*, o qual foi mais tarde transformado na *Gazeta Oficial de Mato Grosso* com a finalidade de divulgar atos legais do Estado.

Toda a Província de Mato Grosso, especialmente Cuiabá, desenvolveu-se muito no século XIX em relação à educação e à cultura, o que influenciou muito na dinâmica dos jornais que foram sendo criados. A partir de 15 de novembro de 1889, com a Proclamação da República, Mato Grosso deixou de ser Província Monárquica e passou a ser Estado da Federação. Os meios de comunicação eram tão precários que a notícia da Proclamação só chegou a Cuiabá em 10 de dezembro.

A segunda metade do século XIX, conforme Siqueira (1990), foi marcada principalmente, pela abertura da navegação pelos rios Paraguai e Cuiabá. Estreitando os laços com a Europa e a América do Norte e interligando as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul com as Repúblicas do Uruguai, Argentina e Paraguai. O que colaborou para o desenvolvimento da economia em Mato Grosso.

Segundo Siqueira (2002), foi a abertura da navegação que contribuiu para a chegada da "modernidade". A autora afirma que:

Foi a partir da abertura da navegação pelo rio Paraguai, a qual interligou Mato Grosso ao comércio internacional, que a modernidade chegou ao território do extremo Oeste. Com ela, vieram as máquinas a vapor, a imprensa, o telégrafo, a locomotiva, o encanamento de água, a luz elétrica, enfim grande parte dos avanços que o mundo europeu já conhecia há mais de um século (p.126).

No século XX, houve um grande crescimento na imprensa escrita de Mato Grosso. Jornais passaram a ser publicados, principalmente nas três "mais importantes" cidades do Estado: Cuiabá, Cáceres e Corumbá.

1.3 Os discursos jornalísticos e a Marcha para o Oeste

No conjunto dos enunciados selecionados, no jornal por nós pesquisado, a *marcha para oeste* é apresentada como sinônimo de melhoria para o Estado de Mato Grosso, até então, “incivilizado”, como é possível observar nos textos que analisaremos e que foram publicados desde o primeiro número do jornal *O Estado de Mato Grosso*. Vejamos alguns trechos: "*nos há de fazer grandes na civilização, como grandes somos pelo patriotismo*" (texto 1), "*1940 será assim um novo marco de ação civilizadora e progressista*" (texto 2), "*em pleno século vinte, o sertão permanece á margem da civilização*" (texto 3)

Em outros jornais praticamente não encontramos referência à *marcha para oeste*. A pequena quantidade de textos que encontramos dizia muito pouco ou se referia superficialmente à marcha.

“O Estado de Mato Grosso¹⁰”, embora tenha começado a circular a partir de 27 de agosto de 1939, abordava discursos em relação à “marcha para Oeste” e apresentava palavras como moderno, progresso, desenvolvimento. Esse periódico publicava, inicialmente, cerca de 5 números por semana compostos por oito páginas que foram em seguida reduzidas para quatro, exceto os números especiais.

¹⁰ Convém ressaltar que houve um outro jornal, também publicado em Mato Grosso, e que apresentava o mesmo título do jornal que constitui nosso *corpus* ou seja, “O Estado de Mato Grosso” porém este circulou alguns anos antes.

Normalmente, nesses dois anos que pesquisamos, as cenas enunciativas (Guimarães, 2002) nos permitiram observar que a primeira página desse jornal se destinava a apresentar, especialmente, notícias do exterior referentes à II Guerra Mundial, exceto seu primeiro número que apresentava na primeira página um texto destacando a “Marcha para o Oeste”.

A segunda página desse jornal apresentava normalmente na parte central, algum texto referente a questões que estivessem em evidência no Estado de Mato Grosso e, portanto, também, dissessem respeito à marcha para o Oeste, acontecimento que afirma a existência de um espaço nesse jornal, dedicado a temas referentes a essa "marcha". No lado superior esquerdo, eram apresentados dados técnicos referentes ao jornal; o restante da página era composto por textos temáticos variados e propagandísticos¹¹.

Mato Grosso pôde, ainda, contar com alguns outros jornais também publicados em Cuiabá, porém de menor porte e alcance que “O Estado de Mato Grosso” e voltados a um público mais restrito. Alguns desses jornais de que tivemos conhecimento são:

- “A Cruz”, publicado em Cuiabá no período de 1910 a 1969. Jornal de cunho religioso, tratava-se de uma folha católica, na qual encontramos basicamente reportagens voltadas à igreja e à religiosidade. Aparentemente esse jornal se resguardava de comentários em relação ao governo e aos fatos relacionados a ele.

- “O Liceu”, publicado também em Cuiabá, até 1944. Era órgão do Liceu de Artes e Ofícios “São Gonçalo”, dedicado exclusivamente a apresentar reportagens relacionadas à educação e que se referiam ao próprio Liceu.

¹¹ Esses textos são apresentados na íntegra como anexo no final do trabalho.

- “A Pena Evangélica”, primeiro jornal evangélico a circular em Mato Grosso. Apresentava como lema “Nós pregamos a Cristo”. Esse jornal circulou de 1937 a 1944.

Havia ainda jornais publicados em outras cidades do Estado, porém, também tinham menor alcance que “O Estado de Mato Grosso”. Alguns deles são:

- “A Razão”, jornal publicado em Cáceres desde 1921. Voltado ao público mato-grossense em geral.

- “A Tribuna”, jornal publicado na cidade de Corumbá desde 1912. Era o diário de maior circulação no Estado de Mato Grosso.

- “Jornal do Comércio”, se constituía como uma folha diária voltada ao comércio Nacional e Estadual e foi publicado em Campo Grande até 1949.

Nesses jornais encontram-se reportagens que se referem à “Marcha para o Oeste”, porém em pequena quantidade.

CAPÍTULO II

2 – A PALAVRA E OS SENTIDOS

2.1 A Palavra: um objeto ideológico por natureza

Compreender o sentido das palavras só é possível se as pensarmos nas relações com outras palavras, nos textos em que estão dispostas. Pois é nos textos que compreendemos as formações ideológicas e é nas formações ideológicas em que as palavras se inscrevem que elas adquirem seus sentidos. De acordo com Pêcheux (1995; 16),

é a ideologia que fornece as evidências (...) que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem” aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Ao tratar do sentido, Rodriguez (1998), explicita que sua base de construção está na interpretação que só pode ser feita considerando o sujeito enquanto inscrito na história e os sentidos construídos pelo *sujeito*.

Os sentidos (a designação) de palavras como progresso, desenvolvimento, moderno, podem ser interpretados a partir da *articulação* e da *reescrituração* (Guimarães; 1995) das mesmas nos textos jornalísticos. Pêcheux (1995; 160) afirma que as palavras não significam sempre a mesma coisa, elas mudam de sentido

“segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, ou seja, o sentido da palavra é constituído enunciativamente.

Compreender como o progresso e a modernidade se configuram nos textos jornalísticos no período em que era promovida a “marcha para o Oeste” é considerar o funcionamento dessas palavras e os sentidos que essas palavras apresentam nos enunciados do jornal. A partir do que é possível estabelecer o domínio semântico de determinação (DSD) que conforme Guimarães (2005; 5) é “pensar as palavras nas suas relações com outras palavras” tendo como unidade de análise o enunciado em que funcionam essas palavras, pela enunciação, acontecimento do dizer.

A noção de determinação, nesse caso, é utilizada para especificar o tipo de relação existente entre as palavras num domínio semântico relativo ao conjunto de palavras tratadas relativamente a seu sentido. É preciso dizer qual a direção da determinação, pois conforme Guimarães (2004a; 9):

não há algo determinado a menos que algo seja seu determinante e vice-versa. Nada é uma coisa ou outra em si, mas nas relações específicas que se estabelecem.

Desse modo, será apresentado um conjunto de interpretações sobre os sentidos produzidos nos enunciados em que o progresso e/ou a modernidade são referidos, com que regularidade isso ocorre e como os termos moderno, progresso e desenvolvimento, se relacionam com outros nos enunciados (Guimarães; 1995). Os sentidos das palavras anteriormente citadas nos remeterão à questão da modernidade uma vez que é

possível que elas apresentem entre si, a partir das relações de sentido, uma complementaridade.

2.2 A imprensa: um lugar de produção de sentidos

Em relação à imprensa, Althusser (2003), uma das fortes referências nesse assunto, a apresenta como um sistema de informação e como tal é parte dos Aparelhos Ideológicos do Estado. Esses Aparelhos se apresentam ao *observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas*, são elas: as igrejas, as famílias, as escolas, o sistema jurídico, o sistema político, os sindicatos, os aparelhos culturais e os sistemas de informação, que de acordo com o autor são a imprensa, o rádio, a televisão, etc....

Estes "funcionam através da ideologia" (aspas do autor) que, conforme Althusser (ibidem), não é feita de idéias, mas de práticas. Cada um desses Aparelhos Ideológicos funciona a seu modo, porém concorrendo para um mesmo e único fim, reproduzir as relações de produção. Porém cada um à maneira que lhe é própria, assim (ibidem, 78):

*o aparelho de informação despejando pela imprensa,
pelo rádio, pela televisão doses diárias
de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo,
etc.*

Hoje existem outras formas de se considerar a imprensa e, conseqüentemente o jornal, como o faz, por exemplo, Mariani (1998; 2001) que diferentemente de Althusser apresenta a imprensa como um lugar de produção de sentidos. A autora (2001) afirma que ao jornal é possibilitado apresentar diferentes opiniões a respeito dos fatos, mas não um fato diferente do que foi relatado, desse modo cabe à imprensa "desambigüizar o mundo".

A imprensa é um veículo que materializa em si o funcionamento imaginário de uma época e é, por isso, um lugar de produção de sentidos. Orlandi (2000; 43) afirma que é referindo o dizer às condições de produção que o sentido poderá ser dado. Estabeleceu-se as relações que ele mantém com sua memória remetendo-o a sua formação discursiva, "que por sua vez representam no discurso as formações ideológicas" (idem, ibidem). Pois, conforme Mariani (1998; 34),

o discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como, também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário.

De acordo com a autora, o discurso jornalístico está entranhado de historicidade. Logo, nele poderá ser observada a materialidade dos sentidos produzidos pela imprensa mato-grossense na época em que ocorreu a "Marcha para o Oeste", levando em consideração que conforme Mariani (1998) "ao relatar os acontecimentos, os jornais já estão exercendo uma determinação nos sentidos".

CAPÍTULO III

3 – A MODERNIDADE

3.1 Alguns teóricos e a modernidade

O sentido de modernidade é constantemente relacionado ao sentido de progresso. Tendo isto em vista, vamos trazer aqui uma posição que trata deste aspecto. Será interessante ver, depois, pela análise, como estes sentidos (do progresso e do moderno) aparecem em textos analisados.

Tratar da modernidade é falar de algo que apresenta controvérsias, isso ocorre em todos os meios e grupos sociais. Normalmente, mesmo entre os teóricos, os efeitos da modernidade são tratados de forma generalizada, ou seja, por serem encontradas algumas manifestações do que possa ser considerado "moderno" toda a população de um município, de um Estado, de um país, e até mesmo do mundo é considerada moderna.

O espaço social que se designa de moderno é constituído de forma heterogênea e contraditória. A homogeneidade é apenas um efeito de sentido (Pêcheux, 1995) dos enunciados.

Um espaço social é considerado moderno a partir do que nele está disponível como estilo de moradia (construção), tipo de emprego, estilo de roupa, tipo de lazer, etc. Nos dias atuais quando se disponibilizam nele produtos que possam ser chamados de “altas tecnologias”. Porém, as marcas daquilo que nomeamos moderno disputam espaço e convivem com o que chamamos também de atraso/antigo, pois a modernidade não atinge a tudo e a todos ao mesmo tempo.

Há uma diversidade de conceitos teóricos versando a respeito de modernidade, porém, cada um abarca um aspecto da realidade material. Dentre as inúmeras maneiras de conceber a modernidade foram selecionadas algumas que se diferenciam de certo modo, porém, de modo geral se relacionam e justamente por esse motivo é interessante observar.

Berman (1986) ao se referir à modernidade considera três momentos principais: o primeiro, que vai do início do século XVI até o final do século XVIII, quando as pessoas estão apenas começando a sentir a vida moderna. Elas fazem uma idéia muito superficial do que as atingiu “elas tateiam, desesperadamente, mas em estado de semicegueira” (p.16); o segundo, começa com a Revolução Francesa e de maneira abrupta ganha um grande público que no século XIX ainda não chega a ser completamente moderno. Surge nesse momento a idéia de modernismo e modernização; o terceiro momento, é no século XX quando o processo de modernização abarca todo o mundo, a idéia de modernidade é concebida de muitas maneiras e perde muito de sua nitidez. De acordo com Berman (1986: 17), “encontramo-nos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade”.

Rouanet (1993) afirma que é um lugar-comum dizer que a modernidade está em crise, porém o que de fato está em crise é o projeto civilizatório. Conforme o autor, em relação ao Brasil, está havendo uma “revolta antimoderna que hoje grassa no mundo sem jamais termos vivido a modernidade”, pois está ocorrendo “uma rejeição dos próprios princípios, de uma recusa dos valores civilizatórios propostos pela modernidade” (p. 10 - 1).

Santos (1995) considera que o projeto de modernidade se constitui entre os séculos XVI e XVIII e coincide com a “emergência do capitalismo enquanto modo de produção nos países da Europa” (p. 79). Assim como Berman, Santos apresenta a modernidade em três períodos, porém se distancia de Berman ao apresentar essa divisão.

Segundo Santos (ibidem), o primeiro período abrange o século XIX que demonstrou de forma clara e ambiciosa no plano social e político, e internamente contraditório a condição que resultaria num “défice” irreparável historicamente. “O segundo período é verdadeiramente a idade positiva de Comte” (p.83) no qual houve um tipo de reação em forma de denúncia deixando às claras as contradições e impossibilidades do cumprimento das promessas da modernidade. O terceiro período tem início nos anos sessenta do século XX e segue até a atualidade. Neste é possível observar que o déficit causado é irreparável e “não faz sentido continuar à espera que o projeto da modernidade se cumpra no que até agora não se cumpriu” (p. 80).

De acordo com Santos (ibidem), afirmar que a modernidade se esgotou seria dizer que ela cumpriu com seus objetivos, saldando inclusive seu “défice”. Nesta perspectiva, o que ainda não foi cumprido pelo projeto da modernidade não poderá ser efetivado na própria modernidade que deve ser pensada em termos de uma mudança de paradigma e ter um “novo começo dado pelo nome de pós-modernidade” (p. 93). No entanto, a ruptura entre o moderno e o pós-moderno é parcial “é uma situação de transição em que há momentos de ruptura e momentos de continuidade” (p. 103).

Assim como Rouanet (1993), Santos (1995) também apresenta a modernidade com sentido negativo. Santos acredita que o projeto de modernidade fracassou por não

ter conseguido cumprir com todos os seus objetivos e ter deixado uma dívida irreparável para com a maioria da humanidade.

Canclini (2000), de uma perspectiva latino-americana, questiona se é possível modernizar-se onde a modernidade ainda não cessou de chegar ou ainda não se tornou acessível à maioria da população. O autor afirma que entre outras formas a modernidade é como uma “máscara” (p.25) uma vez que as oligarquias liberais do fim do séculos XIX e início do século XX fizeram não mais que um simulacro ao que constituíam Estados nacionais sem incluir

as enormes massas indígenas e camponesas que evidenciam sua exclusão em mil revoltas e na migração que ‘transforma’ as cidades. Os populismos fizeram de conta que incorporaram esses setores excluídos (...) sem mudanças estruturais (p. 25).

A modernidade é tratada por cada autor a sua maneira, porém todos ao falar dela remetem às condições materiais de existência e concordam ao afirmar que nenhuma sociedade é completamente moderna, pois a modernidade não atinge de forma igualitária todas as classes de uma sociedade, todos os grupos sociais. Desse modo, concordamos com Berman (1986), para o qual a modernidade é um paradoxo. Para o autor (p.15), ser moderno é conviver com a incerteza:

ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete, aventura, poder, alegria, crescimento,

autotransformação e transformação das coisas em redor mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

3.2 Constituição e evolução

De acordo com Lyons (1981), é pela necessidade de comunicação de uma sociedade que vão ocorrendo modificações na língua, “para atender às novas exigências”. Comenta ainda que “muitas línguas faladas nos, por vezes, chamados países subdesenvolvidos não dispõem de palavras correspondentes a conceitos e produtos materiais oriundos da moderna ciência e tecnologia”.

O autor, de uma vertente mais pragmática, apresenta o sujeito como aquele que se apropria da língua para expressar seus pensamentos (intencionalidade), havendo transparência do sentido na língua. Para a teoria a que nos filiamos, o processo de significação e nele o de designação é histórico-enunciativo, ou seja, se dá histórica e enunciativamente, sendo determinado pelas condições sócio-históricas de sua existência. E o sujeito que enuncia é sujeito porque fala de uma região do interdiscurso (Orlandi, 2000), entendida como memória de sentidos. No acontecimento, o locutor somente se configura enquanto origem do dizer, da temporalidade, pois enunciar é falar enquanto sujeito (Guimarães, 2005).

Neste caso, não só são criados novos vocábulos como ocorrem modificações no sentido de palavras já existentes, pela relação estabelecida entre o sujeito e a língua, ou seja, sendo os sentidos determinados na e pela relação do sujeito com a língua e

desta com a história (Guimarães, 2002). Ou seja, o sentido se constitui historicamente, portanto, estudá-lo é tratar de questões históricas.

Le Goff (2003) ao falar de modernidade apresenta a constituição do termo “moderno” no ocidente, na relação com outros termos como “novo”, “progresso” que convivem por um tempo numa relação de tensão e num outro momento numa relação de sinonímia. Juntamente com a aceleração da história vão ocorrendo mudanças no vocábulo “moderno” até por volta do século XIX e aparecem os derivados “modernismo”, “modernização”, “modernidade”.

Conforme o autor (*ibidem*), o termo “moderno” foi usado no baixo-latim como sinônimo de “recente”, sentido que permaneceu por muito tempo, vindo a ser modificado somente no século XVI, quando passa a se referir, na divisão da história, a período cronológico: Idade Antiga, Idade Medieval e Idade Moderna, marcada pelo desabrochar do capitalismo mercantil.

É no período pré-industrial que irrompe em finais da Idade Média e no período das Luzes que aparece o par antigo/moderno ligado à história do Ocidente, num momento marcado pelo ritmo de uma oposição cultural. Embora o moderno represente uma oposição ao Antigo, e entre passado e presente, apresentará mais o contraste entre duas formas de progresso: “o do eterno retorno” atribuindo à Antiguidade um lugar privilegiado; e privilegiando o que se desvia da antiguidade. A modernidade foi constituída se apoiando no antigo. Porém,

enquanto o “antigo” triunfa facilmente sobre seus vizinhos no campo semântico da antiguidade, o “moderno” permanece, durante muito tempo, presa

dos seus concorrentes: a novidade e o progresso (...)
Se, por um lado, o termo “moderno” assinala a tomada
de consciência de uma ruptura com o passado, por
outro, não está carregado de tantos sentidos como os
seus semelhantes “novo” e (o substantivo)
“progresso”. (idem, 2003: 178).

Enquanto o termo “moderno” apresenta, entre outros, um sentido pejorativo, pois está aberto a muitas possibilidades de interpretação, o “novo” apresenta antes de tudo o sentido de recém-aparecido, de nascido, de puro, sendo usado inclusive nas Escrituras Sagradas (ibidem, 2003). “Moderno” defronta-se também com “progresso” que ao engendrar derivados como “progredir” e “progressista”, no século XIX, se torna desvalorizado.

É nos tempos da revolução industrial que o “moderno”, rodeado de “novo” embora sem inocência e de “progressista” embora sem dinamismo, irá se reencontrar com o “antigo”. É no período industrial, em meados do século XIX, que o moderno “transforma-se com o aparecimento do conceito de “modernidade”, que constitui uma reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial” (idem, p.173).

A partir do contato com países do Terceiro Mundo, na segunda metade do século XX, é privilegiada a idéia de “modernização”, que começa a ser discutida por economistas, sociólogos e politólogos “no contexto da descolonização e da emergência do Terceiro Mundo” (ibidem; 176).

A modernidade passa a significar progresso, desenvolvimento o que está relacionado a avanço, transformações radicais, inovações que alteraram o convívio social e pouco a pouco foram se tornando cada vez mais complexas. Conforme Souza (1999; 129) foram mudanças que:

alteraram muito mais que as relações de trabalho; modificaram os estilos de vida. Ao virar o século XX, tornaram-se finalmente dominantes. Produziram transformações radicais nas formas de sociabilidade. Seus efeitos derivados alteraram a maneira de os homens verem o mundo, conviverem, pensarem, valorizarem a vida, relacionarem-se com as gerações passadas, conceberem o tempo e o futuro, educarem-se e organizarem-se para o trabalho.

Para nosso trabalho elegemos a concepção de “moderno” em Le Goff, por considerarmos relevante o fato do autor, além de tratar de questões históricas, traçar um percurso do termo “moderno” desde o seu surgimento passando por algumas de suas mudanças de sentido até o século XIX e a formação de seus derivados: “modernismo”, “modernidade”, “modernização”; ainda comentar as possíveis relações de sentido entre esses e outros termos como “novo” e “progresso”, ou seja, apresentando dessa forma, questões de linguagem.

Para atender à necessidade de comunicação, não só são criados novos vocábulos como ocorre, também, pelo uso, mudança no sentido de palavras já

existentes, pela necessidade de que a língua produza novos sentidos, sendo os sentidos determinados na e pela relação do sujeito com a língua e desta com a história (Guimarães, 2002). Ou seja, como foi dito anteriormente, o sentido se constitui historicamente, portanto, estudá-lo é tratar de questões históricas.

3.3 O Brasil e a modernidade

No Brasil, segundo Tauile (2001), desde o século XVIII, ocorreram algumas tentativas isoladas de modernização pela promoção da indústria. Porém muitas foram as dificuldades encontradas, as quais se evidenciaram “em razão direta da trama de privilégios arraigada na estrutura de poder colonial e patrimonialista pré-existente” (p.171), o que provocou um grande atraso na chegada da modernidade.

No século XX, por volta dos anos 30, a depressão americana ocasionou para o Brasil uma redução significativa na exportação do café, principal fonte de negociações internacionais. Sem exportar o Brasil não teria condições de importar, especialmente produtos industrializados, de grande necessidade para seu consumo. A partir desse momento que teve início o processo de industrialização brasileiro. Sendo essa industrialização vista como um agente da modernização.

A luta explícita pela modernização, segundo Tauile (ibidem), teve início a partir de 1935, no governo de Getúlio Vargas, com a tentativa primeira de instalar uma siderúrgica no Brasil. A partir de então, o processo de industrialização e modernização do país tornou-se cada vez mais intenso. Foi nesse período que Vargas determinou a “Marcha para o Oeste”.

CAPÍTULO IV

4 – O DISPOSITIVO DE ANÁLISE

4.1 Os sentidos se fazem presente

Para compreendermos como são produzidos os sentidos vamos nos ater a estudos relacionados ao enunciado e à enunciação, termos fundamentais para os estudos da linguagem. Estes serão apresentados inicialmente conforme propostos por Benveniste e por Ducrot.

Conforme Benveniste (1976; 82), a enunciação é um ato individual de fazer a língua funcionar mobilizada por um locutor, ou seja, é o sujeito que se apropria da língua para pô-la em funcionamento. Essa relação “determina os caracteres lingüísticos da enunciação”. O autor afirma que é no ato da enunciação que são produzidos os enunciados. Não há como considerar a enunciação sem considerar o locutor como condição necessária para que ela ocorra. Porém, nesse caso, a “apropriação” é uma relação de necessidade.

Em relação ao trabalho de Benveniste, o que interessa a Guimarães (2005, 48) “é fundamentalmente a riqueza da questão da significação lingüística como algo que não se reduz nem a vontades ou intenções, nem a meras relações com objetos”.

Ducrot ao longo de seus estudos na formação de uma semântica da enunciação filiou-se em alguns momentos a Benveniste, em outros, a estudiosos da filosofia da linguagem e, juntamente com Anscombre (1976, 18) desenvolveu alguns conceitos como o de enunciação como “a atividade de linguagem exercida por aquele que fala no momento em que fala”. Dessa forma o que determina o sentido do enunciado é a ação que o sujeito realiza com o enunciado.

Ducrot (1984; 65) ainda afirma que “cada ato de enunciação constitui um acontecimento único” e é produzido por um locutor particular em um momento ímpar. Já a frase, que se relaciona com o enunciado, permanece invariável, podendo ser objeto de inúmeras enunciações.

Considerando os estudos apresentados por Benveniste e Ducrot, Guimarães (1989; 76) desenvolve sua teoria considerando a linguagem na relação com a exterioridade. Inclui em seus estudos a historicidade e ao apresentar o conceito de enunciação, caracteriza-o, socialmente. Para isso o autor abre um diálogo com a teoria e análise do discurso. Considera, então, o enunciado como uma unidade discursiva, e o caracteriza como:

elemento de uma prática social e que inclui, na sua definição, uma relação com o sujeito, mais especificamente com posições do sujeito, e seu sentido se configura como um conjunto de formações imaginárias do sujeito e seu interlocutor e do assunto de que se fala.

Assim sendo, o enunciado só existe na relação com o sujeito e com outros enunciados, fora dessa relação é impossível pensar a linguagem e o sentido. É o enunciado o lugar de observação do sentido, ou seja, “saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado” (Guimarães: 2002; 7), o qual funciona num texto, sendo, portanto, impossível considerar o sentido de uma forma sem considerar que ela funciona num texto.

Tratar da enunciação é tratar do sujeito que enuncia. Sendo a enunciação um acontecimento no qual ocorre a relação do sujeito com a linguagem, e que deve ser considerada num espaço em que o sentido é constituído historicamente.

Juntamente com o tratamento do sentido, Guimarães (2002; 17) considera o político na linguagem, o qual é pensado historicamente assim como o sentido. O político é a contradição que instala o conflito no centro do dizer, “ele se constitui pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos”. Sendo o espaço de enunciação um espaço de disputa pela palavra, espaço político, portanto.

É pelo funcionamento da língua enquanto acontecimento de linguagem que se dá a enunciação. O que em Guimarães só é possível remetendo o enunciado a um sujeito/locutor; considerando na constituição do acontecimento a sua temporalidade e ainda o real enquanto materialidade histórica.

Conforme Guimarães (2002; 12) a temporalidade se configura por:

*um presente que abre em si uma latência de futuro
(uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de
linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem
ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de
interpretável.*

O acontecimento funciona por projetar em si mesmo um futuro e, por outro lado, por ter um passado enquanto memorável que o faz significar.

É considerando o passado enquanto memorável que investigaremos os sentidos de palavras como moderno, modernidade, modernização, progresso, desenvolvimento produzidos nos textos sobre a “Marcha para Oeste” nos anos de 1939 a 1940. Tomando o passado não enquanto lembrança (individual), mas enquanto rememoração de enunciações.

No acontecimento o locutor se configura enquanto origem do dizer, da temporalidade, mas encontra-se dividido, pois enunciar é falar enquanto sujeito determinado por um lugar social. De acordo com a análise do discurso, o sujeito que enuncia é sujeito por falar de uma região do interdiscurso, entendida como memória de sentidos, e enquanto afetado pelo interdiscurso.

Conforme Orlandi (2000) o interdiscurso é o já-dito que retorna sob a forma de pré-construído e torna possível todo dizer, é o mesmo que memória discursiva. Esse conjunto de formulações feitas e esquecidas produz sentido nas palavras do sujeito. É preciso que o que já foi dito por um sujeito em um determinado momento seja apagado da memória, para que possa fazer sentido nas palavras “de outro sujeito”.

Os sentidos não são determinados por nossa vontade, mas pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história. Considerando que há sempre outros discursos presentes no nosso. Discursos proferidos em outro lugar e que são constitutivos do sentido de “nossos” discursos.

4.2 Os sentidos e os nomes

Nosso objetivo é analisar o que palavras como progresso, desenvolvimento, moderno e seus derivados designam nos textos do jornal “O Estado de Mato Grosso”

que versem a respeito da “Marcha para o Oeste”. Os textos selecionados foram produzidos nos primeiros anos de publicação do jornal "O Estado de Mato Grosso", mais precisamente de agosto de 1939 a dezembro de 1940.

Dizer do que um nome designa é dizer com que outras palavras ele se relaciona no que Guimarães (2004a) chama Domínio Semântico de Determinação (DSD). Nossa unidade de análise é o enunciado no qual as palavras funcionam pela enunciação e enquanto elementos de um texto, considerando que é a enunciação que constrói as relações de sentido na língua.

Para tal procedimento de análise convém apresentar uma distinção entre *referência* e *designação*, que consideramos conforme Guimarães (2002; 2004a; 2006). A *referência* é um procedimento lingüístico que se dá como a particularização de algo na e pela enunciação. A *designação* é a significação de um nome remetida ao real e enquanto uma relação com outros nomes tomada na história. É, portanto, algo lingüístico e histórico. Assim, consideramos que os nomes não classificam, mas identificam objetos (Ranciére, 1992).

Além dos procedimentos apresentados acima há dois que consideramos imprescindíveis para a análise proposta, são eles a *reescrituração* e a *articulação*, procedimentos fundamentais que constituem a enunciação.

A *reescrituração* é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si e atribuindo (predicando) algo ao reescriturado. Esta predicação é, conforme Guimarães (2004a; 7), fundamental na constituição do sentido de um texto e:

trata-se de uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra pelos mais variados procedimentos. Ou por negar a outra, ou por retomá-la, ou por redizê-la com outras palavras, ou por anáfora, catáfora, substituição.

A *articulação* é um procedimento que considera as relações de proximidade, “de como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem” (Guimarães 2004a; 8).

Dessa forma interessa-nos o sentido que podemos reconhecer numa palavra posta em funcionamento na e pela enunciação enquanto acontecimento de linguagem e não apenas como uma definição.

CAPÍTULO V

5 – OS SENTIDOS DOS NOMES “MARCHA PARA O OESTE” E PROGRESSO

5.1 Os recortes

O corpus para nossa análise foi constituído principalmente de textos encontrados na página 2 do Jornal “O Estado de Mato Grosso” que se referem à “marcha para o Oeste” e que apresentam palavras como: moderno e seus derivados, progresso e desenvolvimento.

Muitas dificuldades foram encontradas durante o levantamento das informações principalmente por se tratar de uma pesquisa realizada em jornais antigos e que se encontram em mau estado de conservação e ainda por não haver, no local (Cuiabá/MT), aparelhos necessários para o manuseio desse tipo de material.

Foram realizadas leituras em todos os jornais encontrados no Arquivo Público de Mato Grosso que eram publicados em Mato Grosso no período de 1939 e 1940. Após as leituras observamos que o jornal que apresentava os dados que interessavam à nossa pesquisa foi “O Estado de Mato Grosso”, jornal cujas publicações tiveram início em agosto de 1939, ano em que, conforme documento¹² encontrado também no Arquivo Público de Mato Grosso, ocorreu a “concretização” da marcha para o oeste.

A escolha desta página se deu pelo fato de podermos encontrar nela um número significativo de textos apresentando dados relevantes para nosso trabalho, e ainda por serem esses textos assinados por alguns locutores-jornalistas. Sujeitos que se inserem na “ordem do discurso” assumindo todos os poderes e perigos (Foucault, 2004). Porém,

¹² Relatório da Agricultura intitulado *Concretização da “Marcha para o Oeste” como aproveitamento racional da terra em Mato Grosso*.

convém lembrar que ninguém se insere nessa ordem sem satisfazer a algumas exigências, ou ser qualificado ao fazê-lo. Esse discurso, por mais que seja “aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (Foucault, 2004; 10).

Após selecionarmos os textos a serem analisados procedemos à escolha e recortes dos enunciados relevantes apresentados nesses textos. Enunciados por meio dos quais pudemos trazer à superfície os sentidos de palavras como: moderno (e seus derivados), progresso e desenvolvimento, que são nomes e constituem as representações de uma história designando valores.

Nos ateremos em observar acontecimentos lingüísticos ocorrentes especificamente num momento assinalado por alguns fatos marcantes como a Segunda Guerra, em âmbito mundial; o avanço dos modernistas em alguns países; as revoluções internas no Brasil e a tentativa do governo de aumentar o povoamento do Estado de Mato Grosso e, em contrapartida, do desenvolvimento sócio-econômico do país.

Em princípio observaremos como ao falar de “progresso”, “desenvolvimento”, “moderno” (e seus derivados) isso é ressignificado a partir da consideração da organização enunciativa nos textos apresentados. Para isso consideraremos, como acima explicitado, os procedimentos de *reescrituração* e de *articulação* apresentados nestes textos.

Os textos selecionados estão dispostos em seqüência pela ordem em que foram publicados, ou seja, conforme a data de publicação e apresentam os seguintes títulos:

Títulos dos textos	Números e datas
OESTE BRASILEIRO	Texto 1 - 27/08/1939
1940	Texto 2 – 03/01/1940
A MARCHA PARA O OESTE	Texto 3 – 07/07/1940
Como tornar pratica a marcha para o Oéste	Texto 4 – 01/12/1940

Para desenvolvermos nossa análise optamos por observar a designação das palavras progresso, moderno e “marcha para o Oeste” que ocorram num mesmo texto e que sentidos essa relação produz.

Será observado em cada texto, separadamente, como essas palavras estão funcionando para referir algo e, como a partir das reescrituras outras palavras funcionam para referir o mesmo e ainda constituem uma predicação dessas palavras e o que elas designam nos enunciados em que ocorrem.

5.2 - As análises

5.2.1 – Texto 1: publicado em 27/08/1939

OESTE BRASILEIRO¹³

Por MANUEL DUARTE

(Ex-Presidente do Estado do Rio de Janeiro)

Especial para o ESTADO DE MATO GROSSO

A marcha para o OESTE, não é nem poderá ser apenas uma causa material, um impulso itinerário, na seca conquista de terras. É antes um símbolo, um sinal, um toque de movimento para a nossa grandeza econômica e social.

Pronunciando a frase que consagra essa arrancada para as bandas do OESTE o chefe da nação não pretendeu somente significar uma opinião que envolve o verdadeiro sentido da brasilidade. Quis com isso apontar aos patrícios as vastas planícies e o planalto do extremo OESTE do país, como ajuda que nosso esforço precisa ainda conquistar e de que convém apossar-se com a nossa atividade econômica para inteiramente integrar o Brasil na posse útil das suas incomensuráveis riquezas.

¹³ Serão apresentados dessa forma o título e logo abaixo o autor do texto.

“O Estado de Mato grosso” jornal que hoje surge à publicidade como um facho de luz a clarear o roteiro dessa marcha e desse caminho é ainda uma brilhante consequência desse brado patriótico, conclamando a iniciativa patricia, a olhar para deante, para as longínquas lindes de nosso vasto território, para vencer os obstáculos de que, outrora, os bandeirantes dos sertões, fizeram verdadeiros estímulos para as suas formidáveis conquistas!

Voz altissonante desse heróico povo matogrossense, que se levanta de um quadrante do país, gritando a vitória que nos há de fazer grandes na civilização, como grandes somos pelo patriotismo, esse jornal, que hoje refulge à luz, para que não desmereçam desses velhos bandeirantes, cujos pés, defendendo as matas até então impervias construíram o Brasil.

Não poderia surgir melhor e mais sugestiva maneira de festejar o centenário da imprensa matogrossense, do que levantar-lhe o monumento de um novo jornal, dedicado aos interesses dos altos destinos da terra, ajudando, com sua palavra apostólica a desbravar a espessura do deserto, transformando-o num vasto campo de facundas atividades que farão a riqueza e o progresso dessa opulenta parte do Brasil.

Vastos e complexos são os interesses que constituirão a atividade, sem descanso do novo órgão da imprensa da futura grande Metrópole do OESTE. Versando cada um desses interesses e a cada um deles dando a entusiástica colaboração de seus colunas, o nosso jornal manterá, numa festa contínua, com que solenizará, com a máxima refulgência o seu centenário que é um luminoso marco de progresso. Tanto quer dizer que neste jornal, hoje surgido, terão guarida todos os assuntos do interesse de Mato Grosso e do Brasil, mostrando esse magestoso Estado, como uma terra de atração para todos quanto sentindo o entusiasmo no sangue e dispostos à conquista da grandeza, quiserem aproveitar as forças de sua energia patriótica na nobre tarefa do engrandecimento do nosso vasto país. Saudando os promotores dessa sublime realização, no aplauso aos organizadores do magnífico aparelho de progresso que é o jornal, hoje nascido, somos tomados de uma imensa emoção para alistarmos entre os seus, obscuros sim, mas ardentes servidores, augurando-lhe todos os triunfos no engrandecimento do Estado de Mato Grosso, sentinela do Brasil, posta a OESTE para recolher, em prol de nossa civilização, os derradeiros fulgores do sol, quando se recolhe nos horizontes da Pátria.

5.2.1.1 - O funcionamento semântico-enunciativo

O texto analisado foi publicado na primeira página do primeiro número do jornal “O Estado de Mato Grosso” e data de 27/08/1939, dia da inauguração deste jornal. Este texto é intitulado *Oeste Brasileiro*. Todo o texto é, por isso, um modo de reescrever o que *Oeste brasileiro* diz. Este texto tem continuidade na página 2 do jornal, um espaço fixo, que será sempre ocupado por textos assinados.

Nesta medida o processo de produzir o texto é dirigido por uma organização pré-existente do jornal. Há, portanto, um locutor-editor que define as seções e as matérias a serem apresentadas nesse jornal e um locutor-jornalista¹⁴ como lugar social de enunciação do texto. A cena enunciativa apresenta, então, neste acontecimento, que o jornal em questão tem um espaço que recebe contribuições referentes ao *Oeste Brasileiro*, que aparece como reescritura de Mato Grosso. O próprio nome do jornal afirma este espaço.

O fato de enunciar este texto na primeira página do jornal, em um lugar de destaque, também reforça o espaço dedicado a questões referentes ao Estado o que é ainda reforçado no próprio texto: *neste jornal, hoje surgido, terão guarida todos os assuntos do interesse de Mato Grosso e do Brasil*. Relativamente a isto, o texto trata da criação do jornal “O Estado de Mato Grosso”. Considerando que esse jornal está sendo inaugurado nessa data, não há, então, uma memória, um passado, mas um presente e um futuro são instalados a partir desse momento, o momento de sua inauguração.

¹⁴ Cada um dos textos analisados é assinado por um “locutor-jornalista” diferente.

As considerações anteriormente apresentadas sugerem, abrem espaço a outras questões a partir das quais será possível observar os sentidos das expressões lingüísticas e desse modo compreender as relações de sentido entre as questões destacadas e a palavra *progresso* compreendendo, dessa maneira, sua *designação*.

Neste texto, das palavras que propusemos analisar, encontramos a palavra *progresso* que, pelo modo como se articula com outras palavras, apresenta determinados sentidos e não outros (Guimarães, 2004). Neste caso a palavra *progresso* aparece num conjunto de palavras que a qualificam. Ela aparece neste texto articulada nas seguintes expressões:

<i>a riqueza e o progresso</i>
<i>um luminoso marco de progresso</i>
<i>magnífico aparelho de progresso</i>

Ao observarmos como se comporta no texto a palavra *progresso*, notamos que ela surge a partir da metade do texto e num conjunto com outras palavras que a qualificam positivamente. A primeira expressão em que a encontramos é *a riqueza e o progresso*, nomes que se encontram articulados por uma conjunção coordenada “e” que os coloca numa relação de proximidade nos permitindo dizer que há uma relação de *determinação* (Guimarães; 2004a) mútua, ou seja, em que progresso ---| riqueza ---|

progresso (que se lê da seguinte forma: progresso determina riqueza e riqueza determina progresso, o traço vertical está sempre do lado da palavra determinada).

No parágrafo seguinte temos a expressão *um luminoso marco de progresso* em que marco está qualificado como luminoso e progresso aparece nas suas relações de articulação numa relação de determinação em que progresso ---| luminoso marco (progresso determina luminoso marco), ou seja, o progresso faz parte do que vem a ser luminoso. Assim, o que o *progresso* designa (Guimarães; 2002) aparece, neste momento, predicado por uma diferença. E determinado enunciativamente por luminoso (positivo) e pela antonímia escuro (negativo). Em que *progresso* participa/compõe esta luminosidade que ocorre como “um marco”, um momento especial que diferencia este momento de outros.

O momento aqui referido é o da inauguração do jornal nomeado “O Estado de Mato Grosso” e que traz como notícia principal a “Marcha para o Oeste” numa mesma reportagem em que apresenta a importância do jornal.

Uma outra aparição da palavra progresso, neste texto, ocorre na expressão *magnífico aparelho de progresso* em que aparelho está reescrevendo jornal e sendo predicado por magnífico. Nesta expressão a palavra *progresso* articula-se numa relação de determinação com “magnífico aparelho” da seguinte forma: progresso ---| magnífico aparelho. Assim, progresso está numa expressão que predica o jornal.

Um outro aspecto a ser considerado é que as três expressões acima analisadas predicam “um novo jornal” e apresentam a palavra progresso como argumento do valor desse jornal. Desse modo essas expressões são predicções do jornal que está sendo inaugurado no Estado de Mato Grosso e esse jornal recebe o nome, ou seja, é nomeado como “O Estado de Mato Grosso”.

A enunciação desta *nomeação* (Guimarães; 2002) se dá no jornal “O Estado de Mato Grosso”, publicado num Estado do Território Brasileiro que compõe a região Centro-Oeste do país, um Estado nomeado como “Mato Grosso”, e apresenta como interlocutores, principais leitores desse jornal, os mato-grossenses ou aqueles que se dirigiram ou se dirigem ao Estado de “Mato Grosso”, Estado da Federação.

Nesse caso temos a unidade do nome do jornal construída anteriormente à enunciação que nomeia o jornal, por outra enunciação que está contida na enunciação que nomeia esse jornal. Ocorre, portanto, de acordo com Guimarães (2002; 47) “uma enunciação a partir de outra enunciação”. A enunciação que nomeia esse jornal inclui outras duas enunciações, uma primeira ao apresentar uma divisão política do país que nomeou o *Estado* enquanto Estado da Federação e uma segunda enunciação que nomeou esse Estado como *Mato Grosso*.

Na cena enunciativa da nomeação do jornal há um locutor que está tomado por um memorável (enunciação do nome do Estado) que se repete em sua enunciação. Porém, há que se considerar que o jornal é nomeado não como “Mato Grosso”, mas como “O Estado de Mato Grosso”. Nesse caso explicitando que não se trata de um “Mato Grosso”, uma vez que o nome aparece numa expressão definida “O Estado de Mato Grosso” e se refere ao Estado que constitui a região Centro-Oeste do país. Evidencia não só o nome próprio do Estado, mas afirma a condição territorial de “Mato Grosso” enquanto Estado. Condição que nomeia um meio de comunicação de massa num espaço de enunciação em que os acontecimentos enunciativos constituem sua designação.

Uma vez que o ato de “nomear é constitutivo da designação de um nome” (Guimarães, 2002: 27), ou seja, é parte da produção de sentido de um nome, a

nomeação do jornal a partir de outras enunciações traz para o sentido deste, outros sentidos já-constituídos na temporalidade desta enunciação. O memorável aí presente é o da constituição do Estado e toda a sua história.

Nomear o jornal com o mesmo nome do Estado é inserir o Estado e sua história na história desse jornal. É, portanto, incluir os mato-grossenses nessa história. Desse modo tudo o que predica o jornal “O Estado de Mato Grosso” predica também o Estado de Mato Grosso, ou seja, uma vez que a palavra jornal aparece no texto predicada por progresso, Mato Grosso também apresenta esta predicação.

A partir das considerações expostas é possível observar que pelas relações apresentadas no texto enunciado, temos a palavra jornal numa relação com *Oeste Brasileiro* em que esta expressão reescreve “marcha para oeste” e é reescriturada por *Mato Grosso*. Neste conjunto de relações é, portanto qualificada por *progresso*.

Das análises que acabamos de apresentar podemos dizer que chegamos ao seguinte DSD, nuclearizado pelo nome progresso:

Estado de MT --- Oeste Brasileiro

├

O Estado de Mato Grosso (jornal)

├

riqueza ---| progresso |--- luminoso

└┘

marcha para o Oeste

escuro

5.2.2 – Texto 2: publicado em 03/01/1940

1940

Paulo Porto

(...)

1940 marcou o início de uma nova fase de trabalhos, em que irão colaborar todos os que querem e desejam o bem e grandeza maior deste rico pedaço do Brasil, inegavelmente, um dos cernes expressivos da nacionalidade. Nesta hora feliz do “Rumo ao Oeste”, que sintetiza a era de ouro que irá colocar Mato Grosso no concerto grandioso dos demais Estados da União, sentimo-nos irmanados com todos os altos e patrióticos anseios daqueles que, de ha muito, esperavam este momento de colaboração em prol da coletividade matogrossense. Os vultos maiores dessa jornada que conduz ao progresso do Estado, terão, sem dúvida alguma, a partícula de trabalho que o contacto daquele minuto inicial deste novo ano, uniu, num amplexo que traduz a nitidCs (sic) do pensamento de cada um. 1940 será assim um novo marco de ação civilizadora e progressista, a estuar nesse imenso oceano de entusiasmo, impressivo e marcante de uma mentalidade que conduz aos mais superiores desígnios.

Damos graças a Deus pela oportunidade de podermos manter também essa colaboração, unindo os nossos menores esforços para a definitiva consagração de um direito que assiste a Mato Grosso, dentro dessa política sadia inaugurada pelo Estado Novo, para a ordem construtiva de um Brasil maior, mais pujante e mais cômico de suas grandes possibilidades.

...programa cívico de organização e trabalho, que tornará 1940 o ano de Mato Grosso.

5.2.2.1 – O funcionamento semântico-enunciativo

O texto acima é de uma publicação apresentada na segunda página do jornal “O Estado de Mato Grosso”¹⁵ e data de 03/01/1940, ou seja, logo após o início do referido ano. Uma vez que mantendo a tipologia do jornal, como foi dito acima, há sempre uma seção dedicada a reportagens referentes ao Estado de Mato Grosso e à “Marcha para o Oeste”, pudemos observar neste acontecimento que, embora seja a matéria intitulada “1940”, e inicialmente aparente uma descrição a respeito das comemorações do ano novo/réveillon, logo em seguida o texto apresenta questões referentes ao “Oeste” que pela forma como a expressão aparece disposta no texto é uma reescrituração de Mato Grosso:

¹⁵ Como dissemos, todos os textos selecionados, que constituem nosso corpus de análise, foram publicados na segunda página desse jornal, exceto o primeiro que tem início na primeira página, porém é concluído na segunda.

Nesta hora feliz do “Rumo ao Oeste”, que sintetiza a era de ouro que irá colocar Mato Grosso no concerto grandioso dos demais Estados da União, sentimo-nos irmanados com todos os altos e patrióticos anseios daqueles que, de ha muito, esperavam este momento de colaboração em prol da coletividade matogrossense.

O texto é intitulado “1940”, ou seja, o título remete diretamente ao ano que acaba de iniciar, dessa forma toda a matéria trata de questões referentes a este ano que “marcou o *início de uma nova fase de trabalhos*” (03/01/1940; p. 2). Enquanto matéria desse jornal, esta apresenta um locutor-jornalista como lugar social de sua enunciação. Ao longo do texto o título aparece articulado a expressões predicativas que o qualificam; reescriturado por repetição ou anáfora ou reescriturado por substituição. Conforme Guimarães (2002; 28) “o sentido está se fazendo como diferença e constitui textualidade”. Observemos primeiramente as expressões em que 1940 é reescriturada por repetição:

<i>1940 marcou o início de uma nova fase de trabalhos</i>
<i>1940 será assim um novo marco de ação civilizadora e progressista</i>
<i>...programa cívico de organização e trabalho, que tornará 1940 o ano de Mato Grosso</i>

Deste modo, 1940 aparece pela primeira vez no segundo parágrafo do texto como reescritura do título por repetição e articulada a palavras que o qualificam positivamente o predicado *marcou o início de uma nova fase de trabalhos*.

Tal expressão apresenta o verbo *marcar* no pretérito perfeito, que nesse caso traz como sentido que esse é um ano especial e se distingue de outros. O verbo no pretérito perfeito, conforme Benveniste (2005; 270)

estabelece um laço vivo entre o acontecimento passado e o presente no qual a sua evocação se dá. É o tempo daquele que relata os fatos como testemunha, como participante; é, pois, também o tempo que escolherá todo aquele que quiser fazer repercutir até nós o acontecimento referido e ligá-lo a nosso presente. Como o presente, o perfeito pertence ao sistema lingüístico do discurso, pois a marca temporal do perfeito é o momento do discurso...

Embora, pela gramática normativa da Língua Portuguesa o verbo no pretérito perfeito indique um fato completamente realizado, é possível dizer que *marcar*, neste caso, é algo não concluído por estar numa cena enunciativa que apresenta um jornal cujo texto foi publicado no referido ano, e que data do dia três deste ano que acaba de ter início. É instalada uma temporalização de um passado que ainda não passou, não cessou de acontecer.

1940 é uma marca de mudança, pois se trata de algo novo, de “uma nova fase”. Podem ocorrer muitas fases, pois “fase” aparece num sintagma nominal indefinido, ou seja, é uma entre outras e não se trata de uma fase qualquer, mas de “uma nova fase de trabalhos”.

Ao aparecer num segundo momento ao longo do texto, 1940 reescreve, por repetição, o título e a expressão anteriormente exposta e ocorre numa expressão da seguinte forma: *1940 será assim um novo marco de ação civilizadora e progressista*. Desse modo, 1940 não só “marcou o início de uma nova fase” como agora será ele próprio “um novo marco”. Nessa expressão temos o ano que não mais “marca”, mas que é ele próprio o “marco”. Há uma passagem do verbo “marcar” para o nome “marco” que aparece numa expressão articulado a um verbo não mais no passado, mas no futuro “será (...) um novo marco”.

Desse modo, 1940 aparece num sintagma nominal indefinido em que é possível afirmar que outros marcos já existiram, porém, 1940 será mais um marco entre os que já existiram e apenas um dentre outros que poderão existir. Nesse caso 1940 aparece numa relação em que é determinado por “novo marco” e sendo novo, diferencia-se de outros. Esse marco não é um qualquer, mas um “marco de ação”, que vem qualificada como *civilizadora e progressista*, ou seja, ao diferenciar de outros marcos isso ocorre de maneira positiva. Essa “ação civilizadora e progressista” deve ocorrer no Estado de Mato Grosso, pois é “um direito que assiste a Mato Grosso”. Nesse caso, como hipótese, apresentamos o DSD abaixo como parte do que constitui a designação de 1940 no texto observado:

novo marco
 |
 ação civilizadora -- ação progressista ---/ 1940 ---- marcha para o Oeste
 |
 Estado/ Mato Grosso

A partir do Domínio Semântico acima é possível dizer que no texto analisado 1940 aparece determinado por novo, por progresso e civilização; numa relação de sinonímia com “marcha para o Oeste” e determinando o Estado/Mato Grosso:

novo
 |
 civilização---| 1940 ---Marcha para o Oeste |--- progresso
 |
 Oeste/Mato Grosso/Estado

Nessa mesma expressão, logo a seguir temos o marcador argumentativo “assim” que neste caso articula os argumentos apresentados anteriormente no texto a favor da conclusão introduzida pelo assim:

Os vultos maiores dessa jornada que conduz ao progresso do Estado, terão, sem dúvida alguma, a partícula de trabalho que o contacto daquele minuto inicial deste novo âno, uniu, num amplexo que traduz a nitidCs (sic) do pensamento de cada um. 1940 será assim um novo marco de ação civilizadora e

progressista, a estuar nesse imenso oceano de entusiasmo, impressionante e marcante de uma mentalidade que conduz aos mais superiores desígnios.

Embora intitulada “1940” a matéria trata de questões relacionadas ao Estado de Mato Grosso, à marcha para o Oeste, “rumo ao Oeste”. “Rumo ao Oeste” é parte do que reescritura 1940 em “nesta hora feliz do rumo a Oeste”. Assim, enquanto presente do acontecimento, o que significa, pelo texto intitulado “1940” pelo locutor-jornalista, traz o sentido de algo que se relaciona à marcha para o Oeste e que, embora tenha sido enunciado em outras cenas, pelo mesmo ou por outros locutores, é incluído como algo que é parte desse ano.

Em: *Nesta hora feliz do “Rumo ao Oeste”, que sintetiza a era de ouro que irá colocar Mato Grosso no concerto grandioso dos demais Estados da União* temos a expressão “nesta hora feliz” como uma reescritura, por substituição, de 1940. 1940 representa um momento atual por estar numa expressão predicativa pronominal “nesta”. Qualificado positivamente por “feliz” não é um momento qualquer, mas o momento do “Rumo ao Oeste”. É assim uma especificação de “marcha para o Oeste”.

Esse momento “hora/1940” reúne em si fatos que demarcam um período específico na história, “a era”, e não se trata de uma era qualquer, mas da “era de ouro”, ou seja, de grande valor, de grande importância, de muita riqueza.

Essa “era de ouro” aparece num sintagma nominal definido e articulado a “rumo ao Oeste” numa expressão predicativa que apresenta a “era de ouro” como resultado dessa direção. Aparece, ainda, articulada a uma locução verbal que apresenta um

verbo no futuro e outro no infinitivo, ou seja, diz de algo ainda não ocorrido e que, portanto é incerto, embora apresentado de forma afirmativa “irá colocar”, ou seja, colocará *Mato Grosso no concerto grandioso dos demais Estados da União*.

Mato Grosso, embora sendo um Estado brasileiro não se encontra em harmonia com os demais Estados. Todos os Estados brasileiros se encontram em harmonia, em igualdade de comparação, exceto Mato Grosso, que embora apareça reescriturado por “rico pedaço do Brasil”, ainda precisa ser inserido nesse “concerto grandioso” do qual participam todos os outros “Estados da União”.

A expressão “rumo ao Oeste” aparece no texto reescriturada por “jornada” que indica uma “caminhada de um dia¹⁶”, logo “Oeste” pode ser considerado um local próximo. Essa jornada “conduz ao progresso do Estado”, nesse caso, “Estado” é uma reescritura de Mato Grosso, portanto o progresso de Mato Grosso é algo que, embora ainda não esteja acessível, também não está distante, porém só ocorrerá “*dentro dessa política sadia inaugurada pelo Estado Novo*” que ocorrerá em 1940 que é uma reescritura de “rumo ao Oeste” e a partir de um *programa cívico de organização e trabalho, que tornará 1940 o ano de Mato Grosso*.

A partir das observações apresentadas *progresso* aparece, ao longo do texto em dois momentos. No primeiro, como dissemos acima, num conjunto com “jornada” e não sendo um progresso qualquer, mas o progresso do Estado de Mato Grosso. No segundo momento aparece como adjetivo qualificando *ação* enquanto “progressista” e numa relação com civilidade que também qualifica *ação* enquanto “civilizadora”.

Desse modo ocorre uma relação de determinação em que ambas se determinam, ou seja, *progressista ---| civilizadora ---| progressista e civilizadora e*

¹⁶ Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

progressista ---/ ação que aparece como uma reescritura de “rumo ao Oeste”. Desse modo o que determina “ação” determina também “rumo a Oeste” e ainda o que o reescreve. Assim, *civilizadora e progressista* ---/ *rumo a oeste*, logo Oeste aparece predicado por civilizado, cujo antônimo é incivilizado, e por progresso, cujo antônimo é atraso. Assim rumo ao Oeste, ao ser determinado por civilizadora e progressista se separa do incivilizado e do atraso.

Mas a qualificação positiva, como vimos, que percorre todo texto coloca-o como um argumento a favor do progresso e da civilização. Tudo isto nos confirma o DSD já colocado antes:

novo
 _|
 civilização---| 1940 ---Marcha para o Oeste |--- progresso
 _|
 Oeste/Mato Grosso/Estado

5.2.3 – Texto 3: publicado em 07/07/1940

A MARCHA PARA O OESTE

Geraldo Mendes Barros

...

À época da independencia, o Brasil já apresentava a atual configuração geográfica. Após o sete de Setembro, perdemos apenas a Banda Oriental e adquirimos o Território do Acre.

... a nossa extraordinária expansão geográfica, principalmente por ocasião da descoberta das minas em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso se realizou “sem uma organização de retaguarda e em terras reconhecidamente pobres” para a agricultura. Em pleno século vinte, o sertão permanece à margem da civilização...

Agora, porém, o Estado Novo, no seu imenso esforço pela organização nacional retorna a trilha das bandeiras “A civilização brasileira”...

E o chefe do governo, sintetizou estes conceitos de evidente transcendência política, apontando na “marcha para o Oeste” o “verdadeiro sentido da brasilidade”.

...

A “marcha para o Oeste”, longe de constituir um “slogan” feliz para alimentar a mística demagógica, traduz um plano de ação, sintetiza um programa que o Estado Nacional vem procurando realizar, com persistência e coragem, mas sem precipitações. Para o aproveitamento do enorme potencial de espaço que os nossos maiores nos legaram, faz-se necessário, antes de tudo, desenvolver os meios de transportes. “A marcha para Oeste, já disse um técnico de

renome, deverá assentar-se no desenvolvimento de nossa rede de viação ferrea”.

Na” marcha para o Oeste” não se cometerão mais os erros da expansão geográfica. Processar-se-à de acôrdo com os recursos da técnica moderna, obedecendo a uma perfeita organização da retaguarda, sem o deslocamento em massa das populações litoraneas e consequente quêda da sua produtividade. Mobilizando braços e capitais, fornecendo todos os recursos materiais para a exploração das riquezas potenciais, assegurando a facilidade de transportes, e comunicações, saneando as zonas povoadas ou a serem povoadas...”

5.2.3.1 – O funcionamento semântico-enunciativo

O texto analisado é publicado na data de 07/07/1940, ou seja, a quase um ano da inauguração do jornal “O Estado de Mato Grosso” e da primeira edição, desse jornal, referente à “marcha para o Oeste”. O texto tem início tratando de questões geográficas, especialmente, no que diz respeito à extensão do Brasil, suas fronteiras políticas e “ocupação econômica”. Esse texto é intitulado “a marcha para o oeste”, logo todo o texto é um modo de reescrever o que “a marcha para o oeste” significa.

A cena enunciativa afirma, nesse acontecimento, o espaço dedicado, nesse jornal, a questões referentes ao “Estado de Mato Grosso” e/ou à “marcha para o Oeste”. Isso aparece em destaque como título da matéria da seguinte forma: “A MARCHA PARA O OESTE”.

Esse título da matéria aparece ao longo do texto reescriturado por repetição inúmeras vezes. Essas reescrituras ocorrem articuladas a expressões que as definem positivamente. Ocorre também, em contrapartida em expressões em que é negado algo do passado por tomá-lo como um não-exemplo e apresentando um presente e um futuro enquanto superiores a esse passado.

Ao longo de todo o texto e, principalmente nas reescriturações de "a marcha para o Oeste" é possível observar o funcionamento da predicação. Observemos as reescriturações no quadro abaixo em que a expressão é reescriturada por repetição e por elipse:

<i>na "marcha para o Oeste" o "verdadeiro sentido da brasilidade".</i>
<i>A "marcha para o Oeste", (...) traduz um plano de ação, sintetisa um programa que o Estado Nacional vem procurando realizar...</i>
<i>"A marcha para Oeste, (...) deverá assentar-se no desenvolvimento de nossa rede de viação ferrea".</i>
<i>Na "marcha para o Oeste" não se cometerão mais os erros da expansão geográfica.</i>
<i>Processar-se-à de acôrdo com os recursos da técnica moderna...</i>

A primeira reescritura de "a marcha para Oeste", ao longo do texto, ocorre somente depois da metade do texto. Nessa reescritura a "marcha para o Oeste" aparece articulada a uma expressão predicativa que a qualifica positivamente como o "verdadeiro sentido da brasilidade". Esta expressão remete diretamente ao Brasil e

àqueles que têm “brasilidade”, os cidadãos brasileiros. A “marcha para o Oeste” é o sentido “verdadeiro”, outros sentidos podem existir, mas o que se encontra no domínio do que designa esses sentidos ocorre predicado por uma diferença hierarquizada que vai de verdadeiro a falso. A marcha para o Oeste é o sentido para os cidadãos brasileiros, e entre outros sentidos, o verdadeiro. É possível dizer que há aqui uma relação de determinação da seguinte forma: verdadeiro sentido de brasilidade ---| marcha para o oeste.

O segundo aparecimento da reescritura “a marcha para o Oeste” ocorre articulado a uma expressão que diz do que se distancia, do que ainda não se relaciona à marcha, pois está *longe de constituir um “slogan” feliz para alimentar a mística demagógica*. Não se reduz, entretanto a um slogan. Por outro lado a “marcha para o Oeste” é diretamente predicada por:

traduz um plano de ação, sintetisa um programa que o Estado Nacional vem procurando realizar, com persistencia e coragem, mas sem precipitações. Para o aproveitamento do enorme potencial de espaço que os nossos maiores nos legaram, faz-se necessario, antes de tudo, desenvolver os meios de transportes.

A marcha é predicada por *um plano de ação, um programa, persistência, coragem, sem precipitações*. Estas expressões aparecem no tempo presente, porém, o que elas transmitem em relação à marcha a apresenta como algo abstrato, que ainda

não ocorre, “um plano”, “um programa”, que por estar em expressões indefinidas são um entre outros. Porém não um plano qualquer, mas um plano “de ação”.

faz-se necessario, antes de tudo, desenvolver os meios de transportes. “A marcha para Oeste, já disse um técnico de renome, deverá assentar-se no desenvolvimento de nossa rede de viação ferrea”.

Na segunda expressão a marcha é “um programa”, que não somente o Estado de Mato Grosso, mas o “Estado Nacional” vem tentando realizar. Para ocorrer a marcha é necessário, *desenvolver os meios de transportes*. Antes de ocorrer a “marcha para o Oeste” é necessário, portanto que haja “desenvolvimento”, e não é qualquer desenvolvimento é o desenvolvimento “dos meios de transportes” e, de modo especial *desenvolvimento de nossa rede de viação férrea*. Desse modo é possível observar a seguinte relação de determinação:

programa
—|—

desenvolvimento (dos transportes) ---/ marcha para o Oeste

Ao vir articulada a: “*deverá assentar-se no desenvolvimento de nossa rede de viação ferrea*” atribuído a “*um técnico de renome*”, a “marcha para o Oeste” é predicada por “deverá assentar-se no desenvolvimento”. E não é em qualquer *desenvolvimento*, mas o de uma “rede de viação férrea”, que também não é uma qualquer, mas a “nossa”, ou seja, a de todos os brasileiros.

Essa expressão ocorre reforçando a anterior na medida em que aparece reafirmando a necessidade do *desenvolvimento* que, nesse caso, trata do

desenvolvimento de nossa rede de viação férrea. Assim, desenvolvimento de nossa rede de viação férrea ---/ marcha para o Oeste. Ocorre, então, uma especificação em que está posto um meio de transporte como prioridade em relação aos outros.

Ocorre, ainda, uma outra reescritura por repetição, da expressão “a Marcha para o Oeste” em que esta expressão aparece articulada a uma outra como uma forma de negação de algo do passado e, em contrapartida como argumentação e reafirmação da importância do presente e do futuro. Nessa expressão a “marcha para o oeste” não é somente uma forma de ampliação do espaço geográfico, uma vez que na expansão geográfica, muitos erros foram cometidos o que não deverá haver na marcha.

A “marcha para o Oeste” aparece, ainda, reescriturada por elipse em uma expressão argumentativa da seguinte forma: *Processar-se-à de acôrdo com os recursos da técnica moderna.* Esta expressão afirma que “a marcha para o Oeste” ainda não está ocorrendo, pois “processar-se-á”, e não ocorrerá de qualquer maneira, mas “com recursos”, e não são quaisquer recursos, mas os recursos da “técnica moderna”. Portanto, para que ocorra essa marcha deverá ser empregada alguma “técnica” e não se trata de uma qualquer, mas de uma *técnica moderna*.

Ocorre, então, uma relação de determinação em que técnica |--- moderna ----| marcha para o Oeste (moderna determina técnica e determina “marcha para o Oeste”). Assim, tudo o que predica técnica predica também “marcha para o Oeste”. Técnica moderna aparece predicada por *perfeita organização, mobilização de braços e capitais, recursos materiais, facilidade de transportes, facilidade de comunicação e saneamento.* Assim, esses predicados são parte do que significa a “marcha para o Oeste”.

Como complemento ao sentido de técnica moderna aparece a expressão seguinte:

Processar-se-à de acôrdio com os recursos da técnica moderna, obedecendo a uma perfeita organização da retaguarda, sem o deslocamento em massa das populações litoraneas e consequente quédia da sua produtividade. Mobilizando braços e capitais, fornecendo todos os recursos materiais para a exploração das riquezas potenciais, assegurando a facilidade de transportes, e comunicações, saneando as zonas povoadas ou a serem povoadas...

Essa *técnica moderna* aparece como oposição ao modo como ocorreu, no período das Bandeiras e no período da exploração do ouro, a expansão geográfica, logo, “a marcha para o Oeste” é apresentada com outro objetivo, não mais ou não somente a expansão geográfica, mas a expansão econômica que ocorrerá com a investida para o sertão.

Ocorre nesse texto uma relação por oposição em que “sertão” aparece como reescritura de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás e, portanto, como reescritura de Oeste, enfim, a “marcha para o oeste” é a marcha para o sertão que “*em pleno século XX (...) permanece à margem da civilização*” e, neste caso, a civilização é o litoral, pois aparece ao longo do texto como reescritura do mesmo. Sendo que fica registrada a incivilidade e o atraso do oeste e conseqüentemente de Mato Grosso enquanto reescritura desse Oeste/ sertão:

Agora , porém, o Estado Novo, no seu imenso esforço pela organização (sic) nacional retorna a trilha das bandeiras “A civilização (sic) brasileira” – “reproduzimos conceitos do presidente Getúlio Vargas – estendeu-se no sentido da longitude, ocupando o vasto litoral, onde se localisaram (sic) os centros principais de atividade, riqueza e vida. Mais do que uma simples imagem é uma realidade urgente, necessaria (sic) galgar a montanha, transpor os planaltos e expandir-no no sentido das latitudes”. “Retomando as trilhas dos pioneiros que plantaram no coração do Continente, em vigorosa e épica arremetida, os marcos das fronteiras territoriais, precisamos de novo suprimir obstáculos, encurtar distancias (sic), abrir caminhos e estender as fronteiras econômicas, consolidando, definitivamente, os alicerces da nação”.

Podemos desse modo, pelas reescrituras e articulações observadas ao longo do texto, apresentar o seguinte Domínio Semântico de Determinação (DSD):

desenvolvimento ---| meios de transporte
 brasilidade ---| marcha para o Oeste |--- moderno ---| técnica
 ação ---| plano – programa |--- persistência
 coragem sem precipitações

sertão
 não-civilização

5.2.4 – Texto 4: publicado em 01/12/1940

Como tornar pratica a marcha para o Oéste

ILDEFONSO ESCOBAR

(Do Conselho Nacional de Geografia)

...só existe uma solução – a ligação das duas imensas bacias fluviais do Amazonas e do Prata.

Essa solução, além de fazer anteceder de um século a marcha para o Oéste(sic), terá a Inestimável vantagem de atender a uma necessidade política, econômica e social sul-americana, ligando intimamente varias nações do Continente por uma vasta rêde interna de navegação, que será a propulsora de formidável progresso comum.

O Brasil, marchando para o Oéste abrirá passagem franca para o Oceano...

A rêde interna de navegação internacional, com duas saídas para o Oceano, - uma pelo golão do Prata e outra pelo estuário do Amazonas, transformará os rios Tocantins, Araguaia, das Mortes, São Lourenço e Paraguai, na mais vasta e fecunda via de progresso do Planeta; essa via fluvial será o Mediterrâneo da América do Sul.

... em cada ponto de escala da grande via líquida, surgirá um núcleo de irradiação da marcha para Oéste. Nessa marcha, dezenas de milhares de selvagens brasileiros, que habitam as florestas, serão conduzidos à civilização para cooperarem pela grandeza do Brasil.

O Brasil resolvendo diretamente o seu grande problema da marcha para Oéste, concorrerá indiretamente para o imediato progresso de povos vizinhos, particularmente das duas Republicas centrais – Bolívia e Paraguai.

...travessia de milhares de léguas, por que nós, na época da eletricidade, do motor de explosão e do rádio, não poderemos melhorar essa grande via, fazer as indispensáveis ligações e aplica-la na marcha para Oéste e ao progresso da América do Sul?

E a não ser essa solução, a marcha para Oéste só será realizada pela segunda ou terceira geração vindoura depois do ano de 2000, quando o Brasil possuir população que ultrapasse de 100 milhões de habitantes: a marcha será feita pelo recalçamento das massas humanas do litoral sobre as do centro do país.

... a época é de dinâmica social, é de iniciar uma marcha cujos proventos deverão gozar as gerações vindouras.

Se o Brasil atual invertesse, por exemplo, 2 milhões de contos de réis para ligar a bacia do Amazonas à bacia do Prata, dentro de vinte anos começaria a colher os proventos desse capital, com a realização de um objetivo civico – a marcha para Oéste.

Esse capital, de aparência gigantésca, tornar-se-á insignificante em face da grandeza, riqueza e progresso da imensa região hoje em abandono e conseqüências morais e econômicas para o Brasil no concerto das nações.

Couto de magalhães não prosseguiu na marcha para Oéste, porque lhe cortaram uma subvenção de 30 contos e a navegação a vapor do Araguaia paralisou-se...

Com energia, inteligência e patriotismo, o novo Couto de Magalhães – que é o Presidente Vargas – fará ressurgir a obra do grande pioneiro da marcha para Oéste.

5.2.4.1 – O funcionamento semântico-enunciativo

Assim como os outros textos analisados, esse tem início na segunda página do jornal, porém diferencia-se dos outros por ter continuidade na página três. O texto é desenvolvido tratando da "marcha para o oeste" e da necessidade de ser desenvolvida a navegação para o Oeste.

Além de apresentar um locutor-jornalista como lugar social de enunciação, e que assina o texto, apresenta logo abaixo do nome uma pequena nota entre parênteses indicando que o redator integra o "Conselho Nacional de Geografia". Logo, não se trata de qualquer um, mas de alguém “constituído como lugar social e locutor” (Guimarães; 2002, 24) enquanto “autoridade” em Geografia.

A cena enunciativa reforça, neste acontecimento, que o jornal em questão tem um espaço que recebe contribuições referentes à “marcha para o Oeste” e até mesmo sugestões que possam facilitar sua realização, neste caso de quem ocupa um lugar social que lhe permite assumir a palavra, um lugar de locutor-geógrafo.

A “marcha para o Oeste” é reescriturada por repetição diversas vezes no decorrer do texto. Em seus aparecimentos vem articulada como segue:

<i>Como tornar pratica a marcha para o Oeste</i>
<i>a marcha para o Oeste, terá a Inestimável vantagem de atender a uma necessidade política, econômica e social sul-americana, (...)será a propulsora de formidável progresso comum.</i>
<i>O Brasil, marchando para o Oéste abrirá passagem franca para o Oceano</i>
<i>... em cada ponto de escala da grande via líquida, surgirá um núcleo de irradiação da marcha para Oéste</i>
<i>O Brasil resolvendo diretamente o seu grande problema da marcha para Oéste, concorrerá indiretamente para o imediato progresso de povos vizinhos,</i>
<i>...travessia de milhares de léguas, por que nós, na época da eletricidade, do motor de explosão e do rádio, não poderemos melhorar essa grande via, fazer as indispensáveis ligações e aplica-la na marcha para Oéste e ao progresso da América do Sul?</i>
<i>E a não ser essa solução, a marcha para Oéste só será realizada pela segunda ou terceira geração vindoura depois do ano de 2000, quando o Brasil possuir população que ultrapasse de 100 milhões de habitantes</i>
<i>a realização de um objetivo cívico – a marcha para Oéste.</i>
<i>Couto de magalhães não prosseguiu na marcha para Oéste, porque lhe cortaram uma subvenção de 30 contos e a navegação a vapor do Araguaia paralisou-se...</i>
<i>Com energia, inteligência e patriotismo, o novo Couto de Magalhães – que é o Presidente Vargas – fará ressurgir a obra do grande pioneiro da marcha para Oéste.</i>

A marcha é também reescriturada por substituição em:

<i>Nessa marcha, dezenas de milhares de selvagens brasileiros, que habitam as florestas, serão conduzidos à civilização para cooperarem pela grandeza do Brasil.</i>
<i>a marcha será feita pelo recalçamento das massas humanas do litoral sobre as do centro do país.</i>
<i>... a época é de dinâmica social, é de iniciar uma marcha cujos proventos deverão gozar as gerações vindouras</i>

A palavra progresso também aparece reescriturada algumas vezes e uma vez, ao longo do texto, está articulada de maneira direta ao nome “marcha para o Oeste”:

<i>formidável progresso comum.</i>
<i>mais vasta e fecunda via de progresso do Planeta;</i>
<i>o imediato progresso de povos vizinhos,</i>
<i>na marcha para Oéste e ao progresso</i>
<i>grandeza, riqueza e progresso da imensa região</i>

O título "Como tornar pratica a marcha para o Oeste" aparece como uma forma de explicação a ser transmitida por alguém que se propõe a apresentar uma maneira para facilitar a realização da "marcha para o Oeste". A marcha, nessa expressão, está

num enunciado" que indica um modo, marcado por "como". Em seguida há um verbo no infinitivo impessoal "tornar" no sentido de converter, fazer; há um adjetivo "prática". Esse verbo incide diretamente sobre a "marcha para o oeste". Esta conforme a expressão em que se encontra já está ocorrendo, porém deve ser tornada "prática". Pelo próprio título o texto deve ser, então, uma espécie de legitimação e de sugestão à "marcha para o Oeste".

Já no primeiro parágrafo é apresentada uma e "única solução" para se "tornar prática a marcha para o Oeste" que é realizando *a ligação das duas imensas bacias fluviais do Amazonas e do Prata*. Ao longo do texto "a marcha para o Oeste" que aparece desde o título é reescriturada muitas vezes. A primeira reescritura ocorre no segundo parágrafo por repetição "a marcha para o Oeste" numa expressão que argumenta em favor da solução que fará *anteceder de um século a marcha para o Oeste* e como qualificação à "marcha" que será *a propulsora de formidável progresso comum*.

Nesse conjunto de expressões, a palavra "progresso" aparece numa relação de determinação em que formidável ---| progresso |-- comum (progresso aparece determinado por formidável e por comum). O domínio do que progresso *designa* aparece predicado por uma diferença hierarquizada que vai de formidável/excelente (positivo) a péssimo (negativo) e qualificado por "comum". Neste caso progresso compõe o que seja formidável, porém que não se trata de um progresso qualquer, mas de um "progresso comum", ou seja, que pertence a todos ou a muitos, nesse caso, às *varias nações do Continente sul-americano*.

No terceiro parágrafo ocorre uma outra reescritura da "marcha para o oeste", porém, o nome "marcha" aparece na forma verbal impessoal de gerúndio "marchando",

numa expressão verbal e definida da seguinte forma: *O Brasil, marchando para o Oeste*. A ação de marchar, nesse caso, não é realizada por qualquer um, mas “pelo Brasil” que é tomado metonimicamente em substituição a “povo brasileiro”, que marchando para o oeste *abrirá passagem franca para o Oceano e todas as nações mediterrâneas da América do Sul (...)*.

Marchar para o oeste é, então, desenvolver a navegação – navegar – não só nos rios como para o Oceano. Desenvolver essa “rede interna de navegação” é transformar os rios atingidos por ela *na mais vasta e fecunda via de progresso do Planeta*. A palavra progresso aparece, pela segunda vez no texto, a propósito de via fluvial, pois, *a rede interna de navegação internacional, (...) transformará os rios (...) na mais vasta e fecunda via de progresso do Planeta*.

Essa expressão apresenta a palavra *via* qualificada por *vasta e fecunda* numa relação de determinação em que progresso ---| via (progresso determina via). *Via* aparece qualificada por *vasta e fecunda* e como reescritura de rio e de *rede de navegação*. Nesse caso, progresso ---| rede de navegação – via – rio (progresso determina rede de navegação, via e rio) que são apresentadas enquanto sinônimas. Não se trata de um progresso qualquer, mas do *progresso do Planeta*, desse modo, o que vem a ser *via*, ou seja, *rede de navegação* faz parte do que vem a ser o *progresso do planeta*.

O nome “marcha para o Oeste” aparece novamente e da seguinte forma: *em cada ponto de escala da grande via líquida, surgirá um núcleo de irradiação da marcha para Oeste*. Mais uma vez “via” aparece em “via líquida” como reescritura de rio. Existem outras vias que a “marcha” percorre e que não são líquidas, mas é a “via

líquida” que permitirá o avanço da “marcha para o Oeste” e que permitirá surgir núcleos de *irradiação da marcha para Oeste*.

Na sequência do texto o nome “marcha para o Oeste” aparece reescrito por substituição “nessa marcha”. Esse nome ocorre numa expressão afirmativa da seguinte forma:

Nessa marcha, dezenas de milhares de selvagens brasileiros, que habitam as florestas, serão conduzidos à civilização para cooperarem pela grandeza do Brasil.

Está dito que há selvagens no Brasil; esses selvagens habitam as florestas; essas florestas estão no Oeste – que é para onde a marcha se direciona; há uma oposição presente em selvagens brasileiros e civilização e, somente o que é civilizado contribui para a grandeza do país. Sendo que os *selvagens brasileiros, que habitam as florestas, serão conduzidos à civilização*. É “nessa marcha”, ou seja, na “marcha para o Oeste” que ocorrerá a retirada dos “selvagens brasileiros” das florestas e sua inserção na “civilização”. A marcha é, então, a responsável por tornar os selvagens civilizados e pela grandeza do país.

A próxima reescritura de “marcha para o Oeste” a apresenta numa expressão a propósito do Brasil, em que *O Brasil resolvendo diretamente o seu grande problema da marcha para Oéste, concorrerá indiretamente para o imediato progresso de povos vizinhos*. O Brasil tem um problema e a marcha para o Oeste também. Desse modo “grande problema” predica ao mesmo tempo Brasil e “marcha para o Oeste”. Esse problema sendo resolvido “diretamente” pelo Brasil *concorrerá indiretamente para o*

imediato progresso de povos vizinhos. Nessa expressão a palavra progresso aparece predicada por imediato e não se trata de qualquer progresso, mas do progresso de “povos vizinhos”.

Há uma oposição entre diretamente e indiretamente, em que indiretamente se refere ao progresso dos povos vizinhos, logo diretamente se refere ao progresso do Brasil. Desse modo o progresso dos povos vizinhos está vinculado ao progresso do Brasil.

Ocorre uma nova reescritura da “marcha para o Oeste” que aparece numa pergunta a propósito da solução do problema da marcha. Solução que é melhorar a “grande via” que aparece como oposição ao passado desde os Jesuítas, no século XVII até Couto de Magalhães, em 1868. Aí Couto de Magalhães está reescrito por “um brasileiro” e qualificado por *ilustre e destemeroso, patriota e audaz*, um brasileiro que “sem recursos” *fez, varias vezes, essa travessia de milhares de léguas*. “Travessia de milhares de léguas” está no texto como reescritura de “grande via” porém como diferença já que a “travessia de milhares de léguas” ocorreu “sem recursos” enquanto que a “grande via” ocorre *na época da eletricidade, do motor de explosão e do rádio*.

Há uma outra oposição entre a “ausência” e a “presença” de recursos que nos possibilita dizer que na época da “grande via” há recursos e esses recursos são a eletricidade, o motor de explosão e o rádio. Esses recursos podem ser aplicados para melhorar “essa grande via” que deverá ser aplicada na *marcha para o Oeste e ao progresso*. Dessa maneira, *marcha para o Oeste* |--- grande via ---| *progresso* (grande via está determinando a “marcha para o Oeste” e o progresso) que não é um progresso qualquer, mas o progresso da América do Sul, ou seja, não só do Brasil. Ocorre ainda uma outra relação de determinação em que *progresso* ---| *marcha para o Oeste* e

marcha para o Oeste ---| progresso (progresso determina marcha para o Oeste e marcha para o Oeste determina progresso):

A fórmula para a solução do gigantesco problema não é nossa: ela começou a ser elaborada pelos Jesuítas das Missões Paraguias, no século XVII, depois melhorada pelos portugueses (...) e, finalmente posta em prática pelo inolvidável Couto de Magalhães, em 1868(...)

Se um brasileiro ilustre e destemeroso, patriota e audaz, no desconhecido, no meio do mais cerrado sertão do Mundo, povoado de feras e índios bravios, sem recursos outros que não fossem a sua bravura, a sua energia e a sua resistência física, fez, varias vezes, essa travessia de milhares de léguas, por que nós, na época da eletricidade, do motor de explosão e do rádio, não poderemos melhorar essa grande via, fazer as indispensáveis ligações e aplica-la na marcha para Oéste e ao progresso da América do Sul?

Depois da solução apresentada em favor da “marcha para o Oeste” a marcha aparece agora numa expressão argumentativa em favor dessa solução, em que sem ela, *a marcha para Oéste só será realizada pela segunda ou terceira geração vindoura depois do ano de 2000, quando o Brasil possuir população que ultrapasse de 100*

milhões de habitantes. A marcha é agora referida como ainda não ocorrendo, havendo uma contradição com o título que afirma a ocorrência da marcha que deverá ser tornada prática. A “marcha para o Oeste” poderá vir a ocorrer somente quando a população brasileira atingir um índice demográfico elevado que provoque a necessidade da entrada para o sertão.

Como seqüência e confirmação ao anteriormente dito em relação à “marcha para o Oeste” ela aparece reescriturada por substituição da seguinte forma: *a marcha será feita pelo recalçamento das massas humanas do litoral sobre as do centro do país.* Mais uma vez a marcha é referida como ainda não acontecendo e reforça a argumentação anterior de que caso a solução sugerida, de investir numa rede interna de navegação, não seja efetivada a “marcha para o Oeste” somente ocorrerá depois de mais de 60 anos. Nesse caso, *massas humanas* está reescrevendo *população*, e a “marcha para o Oeste” somente ocorrerá quando a população atingir 100 milhões de habitantes, e buscar, por necessidade, novos espaços. Havendo a sobreposição da população do litoral sobre a do sertão.

A “marcha para o Oeste” aparece reescriturada novamente por substituição “uma marcha” e numa expressão que trata dos resultados dessa marcha que não serão imediatos, mas trarão benefícios às “gerações vindouras”. A marcha deve ser iniciada, pois está na época, que é uma época de dinâmica social. Há uma relação de determinação em que dinâmica social ---| marcha:

Mas, não se cogita de resultados imediatos – a época é de dinâmica social, é de iniciar uma marcha cujos proventos deverão gozar as gerações vindouras.

Outra reescritura de “marcha para o Oeste” ocorre numa expressão a propósito do Brasil e em relação aos investimentos necessários para *ligar a bacia do Amazonas à bacia do Prata*. A expressão tem início com o “se” enquanto uma condicional, apresentada como sugestão. A marcha é apresentada/reescriturada por “um objetivo cívico”. Mais uma vez está sendo afirmada a não ocorrência da marcha que é qualificada enquanto abstrata por ser apenas um objetivo dos cidadãos brasileiros. A realização da marcha está condicionada à ligação entre as bacias do Amazonas e do Prata. A ligação dessas bacias permitiria a realização da “marcha para o Oeste” e proporcionaria ao Brasil “dentro de vinte anos” *colher os proventos desse capital*.

O texto apresenta o parágrafo seguinte como complemento ao anterior e, nele a palavra região aparece como reescritura de Oeste, qualificada por imensa e (numa situação de abandono) determinada por abandono. Desse modo temos: abandono ---| região – Oeste. Ocorre, no mesmo parágrafo, a palavra progresso que está articulada a grandeza e riqueza. Esses nomes aparecem numa relação de sinonímia e determinando região. Ou seja: grandeza – riqueza – progresso ---| região. Porém esse progresso depende da ligação entre as bacias do Amazonas e do Prata, ou seja, do investimento de “2 milhões de contos de réis” que o Brasil teria que fazer.

A palavra “região” funciona aqui como em dois momentos distintos. É um nome em determinações antonímicas. No primeiro momento, antes de ocorrer a “marcha para o Oeste” tem-se:

abandono ---| região – Oeste

No segundo momento, após a ocorrência da marcha. Tem-se:

grandeza – riqueza – progresso ---| região – Oeste

Deste modo podemos ver um funcionamento antonímico do nome, como representado pelo DSD abaixo:

abandono ---| região – Oeste

grandeza – riqueza – progresso ---| região – Oeste

Ocorrem outras duas reescrituras de “marcha para o Oeste”, por repetição, da seguinte forma “na marcha para o Oeste” e “da marcha para o Oeste”. Essas reescrituras ocorrem em expressões argumentativas em favor da marcha e como negação a um passado em que a marcha poderia ter sido realizada e não ocorreu por falta de investimentos financeiros também destinados à navegação.

Esse texto apresenta Couto de Magalhães¹⁷ como o primeiro responsável pela “marcha para o Oeste”, desse modo, a marcha já foi iniciada em outros momentos, porém não houve continuidade. Como argumento à marcha o Presidente Vargas é apresentado como um substituto, um “novo Couto de Magalhães” que *fará ressurgir a obra do grande pioneiro da marcha para Oéste*.

A partir das considerações apresentadas é possível apresentar o seguinte DSD:

¹⁷ José Vieira Couto de Magalhães foi um escritor mineiro, folclorista, tendo sido Presidente das Províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo. Foi o responsável pela derrota dos paraguaios quando invadiram Mato Grosso.

progresso

progresso – riqueza – grandeza

—|—

—|—

rio – via – Navegação ---| marcha para o oeste

—
|

civilização

abandono ---| região Oeste

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os sentidos, pela perspectiva que adotamos, é considerar que eles são constituídos historicamente e na relação do sujeito com a língua, tomando como lugar de observação do sentido o enunciado. Desse modo, é pelo funcionamento da língua, na enunciação, enquanto *acontecimento* de linguagem que pudemos observar os sentidos das palavras propostas produzidos nos textos da história, apresentados pelo jornal "O Estado de Mato Grosso", no Estado de Mato Grosso.

O jornal foi tomado como lugar de produção de sentidos e, conforme Mariani (2003) funcionando como "parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro". O *acontecimento* funciona por projetar em si mesmo um futuro e, por outro lado, por ter um passado enquanto memorável que o faz significar, produzindo sentidos.

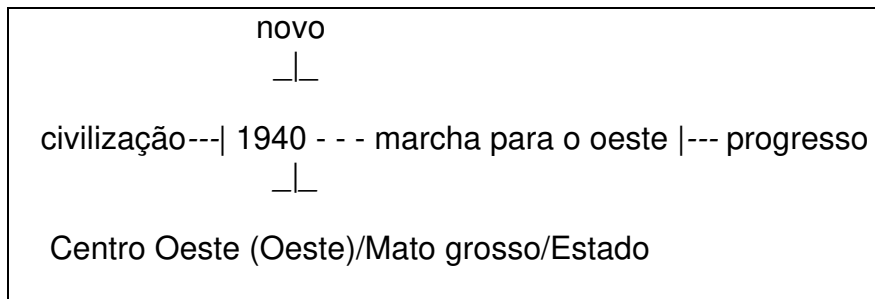
Desse modo pela observação nos textos do comportamento das palavras propostas, pelas relações estabelecidas nos DSDs apresentamos um conjunto de interpretações.

Retomemos, para facilitar o que esporemos a seguir, os quatro DSDs resultantes das análises:

1.DSD do primeiro texto



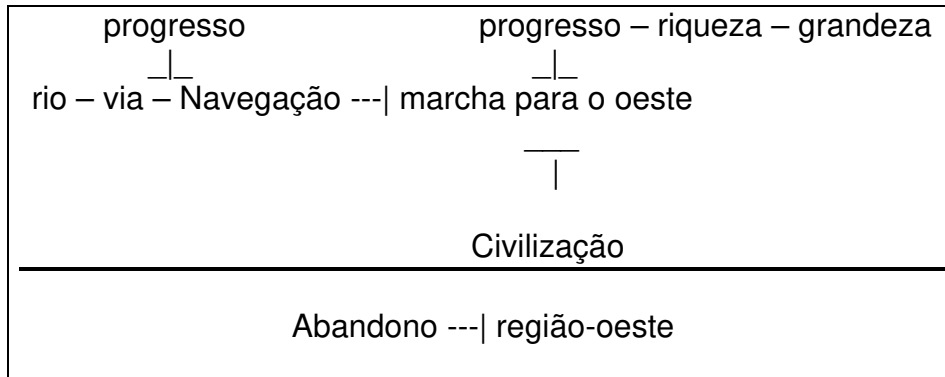
2.DSD do segundo texto



3.DSD do terceiro texto



4.DSD do quarto texto



Em meio às especificidades de cada uma das análises, pode-se observar uma constante: “marcha para o oeste” é sempre determinado por “progresso”, em três dos DSDs e por “desenvolvimento” em um deles.

Por outro lado, progresso é determinado em dois dos DSDs, o do primeiro e o do quarto texto, por riqueza, grandeza, luz.

Em somente um caso aparece “marcha pra o oeste” determinado por “moderno”, em um outro por “novo”.

De outra parte, é interessante observar como no DSD do segundo e do quarto textos “marcha para o oeste” é determinado por “civilização”. Por outro lado, no DSD do primeiro texto o sentido do progresso da marcha para o oeste tem uma relação de antonímia com “escuro”, e no DSD do terceiro texto o sentido do desenvolvimento da marcha tem uma antonímia com “sertão” determinado por “não-civilizado”. Deste modo se observa que a marcha para o oeste, que é progresso, desenvolvimento, traz o sentido de um processo civilizatório. O Oeste é o primitivo não civilizado, portanto.

Deste modo, diferentemente do que as teorias apresentadas sobre a modernidade, que a relacionam com o progresso, pelo menos para este momento analisado e para estes textos, não há uma significação de modernidade ou de moderno significando a Marcha, a não ser residualmente em um dos casos, o do terceiro texto analisado. Isto talvez tenha a ver com o sentido de não civilizado que fica predicado para o “Oeste”, como vimos acima.

As análises, se nos permitem ver o sentido da Marcha e como ela é significada pelo progresso, precisam ser continuadas, inclusive sobre textos posteriores, para se poder ver em que medida estes sentidos se modificam. Inclusive para ver se o sentido do moderno se instala de modo mais central ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*: nota sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003, 9ª edição.

ARAUJO, Olga Maria Castrillon Mendes, O discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso. In: *Fronteira: memória e linguagem* (Vários autores). – Campinas, SP: Pontes ; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*: tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Néri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5ª edição – Campinas, SP. Pontes Editores, 2005.

BERMAM, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BÔAS, Orlando Villas e Bôas, Cláudio Villas. *A marcha para o Oeste*. 4 ed. São Paulo, SP: Globo, 1994.

BOTELHO, André. Questão nacional e questão social, In: *Aprendizado do Brasil: A nação em busca dos seus portadores sociais*. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1997.

_____. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GADET, Françoise; Pêcheux, Michel. *A Língua Inatingível*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

GEORGE, Henry. *Progresso e pobreza*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

GUIMARÃES, Eduardo. *Língua e Enunciação, Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, SP: 1996.

_____. O Sujeito e os estudos da significação na década de 70 no Brasil (in.) BRAIT, Beth (org.) *Estudos enunciativos no Brasil: Histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.

_____(org.) O acontecimento para a grande mídia e a divulgação científica, In: *Produção e circulação do conhecimento: Estado, Mídia, Sociedade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

_____. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2002.

_____. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002

_____. *História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2004

_____. Bairro: a especificidade de um nome abstrato. (in) MORELLO, Rosângela (org.) *Giros na Cidades: saber urbano e linguagem*. Campinas, SP: LABEORB/NUDECRI - UNICAMP, 2004

_____. Civilização na Lingüística brasileira no século XX. In: *Matraga*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004a.

_____. *Os Limites do sentido: um estudo histórico enuncativo da linguagem*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. Semântica e Pragmática In: *Introdução às Ciências da Linguagem: A palavra e a frase*. GUIMARÃES, Eduardo e ZOOPI-FONTANA, Mônica (orgs.). Pontes Editores, 2006: Campinas, SP.

LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

LE GOF, Jacques. Antigo/Moderno, In: *História e memória*, tradução Bernardo Leitão [et al.]. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*; tradução Mário Vilela. – São Paulo: Editora Bacarolla, 2004.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP. UNICAMP, 1998.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso fundador*. Campinas, SP: Pontes 2ª edição, 2001.

MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 2. ed. Campinas – SP: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*; tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas – SP: Pontes, 1997.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1975.

RANCIÈRE, Jaques, *Os nomes da História: ensaio de Poética do saber* – trad. Eduardo Guimarães, Eni Puccinelli Orlandi. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1994.

RICARDO, Cassiano. *Marcha Para Oeste (A influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil)*. Vol. I. Editora da USP. 4 ed. Rio de Janeiro: 1970

RODRIGUEZ, Carolina. *Sentido, Interpretação e História*. CEL/Unicamp, 1998.

ROUANET, Sérgio P. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, B. de S. *Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002

_____, *Processo histórico de Mato Grosso*. Cuiabá: UFMT, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

TAUILE, José Ricardo. *Para (re)construir o Brasil contemporâneo: trabalho, tecnologia e acumulação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

ANEXOS

DOIS ACONTECIMENTOS ALTAMENTE EXPRESSIVOS PARA A CULTURA MATO GROSSENSE: A VERAM LOGAR, A SE DO CORRENTE DATA CENTENARIA DA IMPRENSA DO ESTADO, A INAUGURAÇÃO DA ROTATIVA DO "DIÁRIO OFICIAL", NESTA CAPITAL, E A INSTALAÇÃO DA SUENSA DO "O ESTADO DE MATO GROSSO", NO RIO DE JANEIRO

O ESTADO DE MATO GROSSO

DIREÇÃO DE ARCHIMEDES LIMA

ANO I

Cuiabá, Domingo, 27 de Agosto de 1939

NÚMERO 1

Herbert Moses, por intermedio do "O Estado de Mato Grosso", saúda a OESTE BRASILEIRO

Imprensa matogrossense

A imprensa do Mato Grosso, que se nutre sempre na primeira plana dos atos pro, ulsora do imia nacionalidade adia, a Associação Brasileira de Imprensa envia, as suas saudações por intermedio do vibrante "O Estado de Mato Grosso", lidino, representante da intelligencia e da cultura do jornalismo desse Estado.

Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1939.

HERBERT MOSES, Presidente.



Herbert Moses, Presidente de A.B.I.

Por MANUEL DUARTE
(Ex-Professor de História da Rio de Janeiro)

Especial para o ESTADO DE MATO GROSSO

A marcha para o OESTE, não é um poder ser apenas uma coisa material, um impulso tiberário, na busca da conquista de terras. É, antes, um símbolo, um ato e um toque de mobilização para a nossa grandeza econômica e social.

Pronunciando a frase que consagra esse arrancada para as bandei do OESTE o Chefe da Nação não pretende, somente, significar: um opitão que envolva o verdadeiro sentido da brasilidade. Que com isso, apontar aos patriotas as vastas planícies e o plámito do extremo OESTE do País, como ajuda que no nosso esforço precisa ainda conquistar e de (Continúa na 1.ª página)



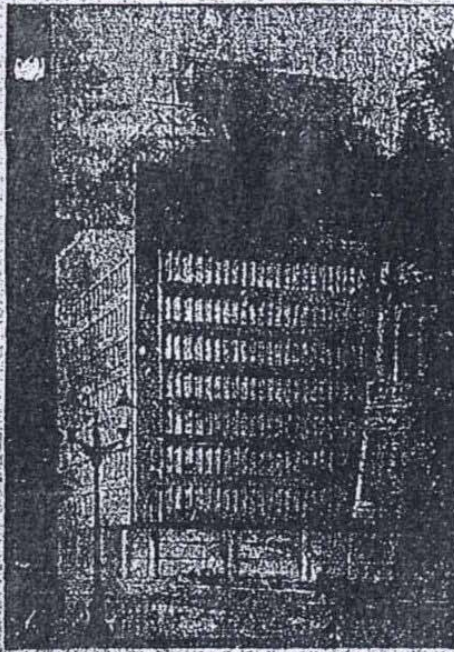
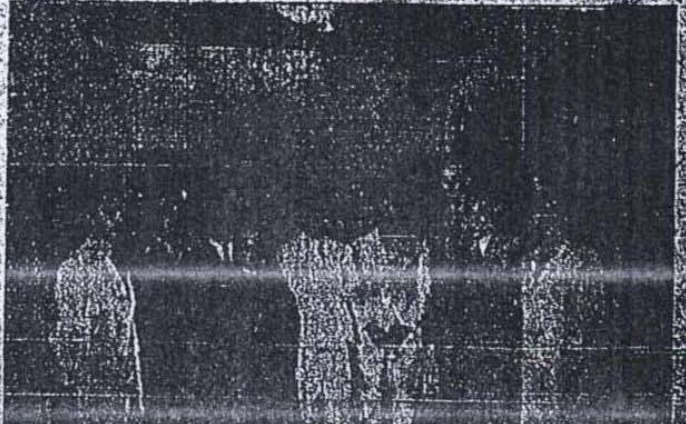
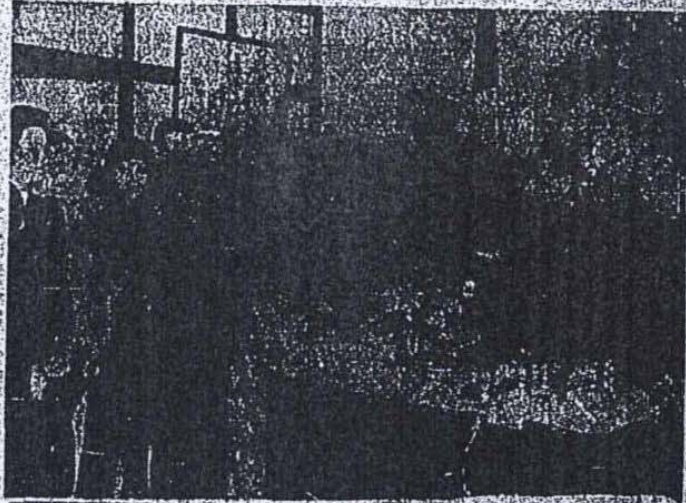
Manuel Duarte

O jornal O ESTADO DE MATO GROSSO, que surge hoje na arena imprensa, sob a orientação editorial de Archimedes Lima e a supervisão de Gerardo Martins de Araújo, será uma afirmação da cultura matogrossense em seu Estado Novo, seu desenvolvimento econômico, social, político e cultural. O jornal O ESTADO DE MATO GROSSO, que surge hoje na arena imprensa, sob a orientação editorial de Archimedes Lima e a supervisão de Gerardo Martins de Araújo, será uma afirmação da cultura matogrossense em seu Estado Novo, seu desenvolvimento econômico, social, político e cultural.

Cuiabá, 27 de Agosto de 1939.

A. WILKES

A Instalação da suenra do O ESTADO no Rio de Janeiro



Casa do Jornalista — Rio de Janeiro

A brilhante solenidade da Inauguração da rotativa do "Diário Oficial"

Realizou-se a 14 de Agosto, com solenidade, a inauguração da nova rotativa do "Diário Oficial", recentemente adquirida pelo governo do Estado.

Foi a solenidade o comparecimento das mais altas autoridades do Estado, e feitura e dos elementos mais representativos da imprensa, da imprensa e dos funcionários públicos. A solenidade foi presidida pelo Sr. Governador do Estado, Sr. João de Deus, e teve a honra de ser assistida por muitos convidados, entre os quais os membros da imprensa estadual, representados por diversos jornais da Capital.

O Sr. Governador, depois de fazer a inauguração da rotativa, fez a seguinte declaração:

